



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**ESTER DA SILVA SOUZA**

**MULHERES, MÃES E MIGRANTES:  
Múltiplas Jornadas e Permanência Universitária**

**Amargosa-Bahia  
2023**

ESTER DA SILVA SOUZA

**MULHERES, MÃES E MIGRANTES:  
Múltiplas Jornadas e Permanência Universitária**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como obtenção do título Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Luana Patricia Costa Silva

Co-orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Mariana Martins de Meireles

Souza, Ester da Silva.

Mulheres, mães e migrantes: múltiplas jornadas e permanência universitária / Ester da Silva Souza – Amargosa, 2023.

74 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Centro de Formação de Professores, 2023.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Luana Patricia Costa Silva.

1. Mulheres-mães. 2. Múltiplas jornadas. 3. Permanência Universitária.

I. Título.

CDD xxx

**ESTER DA SILVA SOUZA**

**MULHERES, MÃES E MIGRANTES:  
Múltiplas Jornadas e Permanência Universitária**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pela seguinte banca examinadora.

**Banca Examinadora**

Aprovada em 23/10/2023



---

**Prof<sup>ª</sup>. Dra. Luana Patricia Costa Silva – Orientadora  
CFP/UFRB**



---

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mariana Martins de Meireles – Co-orientadora  
CFP/UFRB**



---

**Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ingrid Wink – Examinadora 01  
CFP/UFRB**



---

**Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Alice Costa Macedo - Examinadora 02  
CFP/UFRB**

*Dedico esse trabalho de conclusão de curso a minha mãe, Maria Elza,  
que é a minha fonte de inspiração.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gratidão a Deus, meu pai eterno, pois sem a presença dele não seria possível estar aqui.

Gratidão aos meus pais, pai Edigar Souza (*in memoriam*) por ser um homem de coração bom. A minha mãe Maria Elza Batista da Silva Souza, gratidão pelo carinho, compreensão, respeito, amor e por ter me incentivado a estudar e realizar em mim toda a vontade de estudar. À ela, eu deixo todo o meu amor!

Gratidão aos meus filhos Ingrid Laís Souza Sales Pereira e Pedro Souza Sales Pereira, meus amores, por serem pacientes e serem a minha maior motivação diária.

Gratidão a minha segunda mãe, Ivone Maria Sales Pereira (*in memoriam*) que a vida me presenteou e sempre me incentivou a estudar e, se ela estivesse aqui, estaria vibrando juntamente comigo esta conquista.

Gratidão aos meus irmãos pelo apoio, incentivo e compreensão.

Gratidão a minha colega, Denise Sampaio, que me inscreveu no Enem de 2016 e ao meu genro, Agnailson Araújo, que após o resultado, colocou a minha nota no Sisu para que eu ingressasse na Universidade.

Gratidão ao meu companheiro, Valdiney dos Santos Melo, pelo apoio, compreensão e carinho a mim atribuído quando eu mais precisei.

Gratidão a todos os professores que foram participantes da minha formação, em especial aos professores que me acolheram com o meu filho Pedro em suas aulas.

Gratidão aos colegas ingressantes do semestre 2017.2 por me ensinarem tanto e, em especial, aos meus amigos para a vida, que eu ganhei durante o percurso da minha graduação.

Gratidão a professora Mariana Martins de Meireles pelo acolhimento, aprendizado, pela instrução, compreensão e carinho no início e meio do percurso desta escrita.

Gratidão à minha orientadora Luana Patrícia Costa Silva pelo acolhimento, instrução, compreensão e carinho no final do percurso desta escrita.

Gratidão as colaboradoras Izabel Santos e Pricila Costa que em meio as suas múltiplas jornadas se dispuseram a participarem desta pesquisa com narrativas potentes.

Gratidão às professoras da banca examinadora, Ingrid Wink e Alice Costa Macedo, por aceitarem o convite para participarem desse momento tão especial na minha vida.

Gratidão a mim mesma por, apesar das múltiplas jornadas que me atravessam diariamente, nunca desistir do meu sonho que também é o sonho da minha família!

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado “Mulheres, mães e migrantes: Múltiplas jornadas e Permanência universitária”, buscou analisar as múltiplas jornadas de mulheres mães e imigrantes do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Centro de Formação de Professores CFP/UFRB, levando em consideração aspectos relacionados as condições de permanência universitária, tendo em vista as múltiplas jornadas que exercem (maternagem, profissional, universitária, deslocamento). Dessa maneira, tem-se como objetivos gerais e específicos: 1. Compreender como o fato ser mulher, mãe e migrante interfere no processo de formação de licenciandas do Centro de Formação de Professores/Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; 2. Conhecer os principais desafios que se apresentam para estudantes mulheres, mães e migrantes no contexto pesquisado; 3. Investigar como essas mulheres, mães e migrantes conciliam a rotina acadêmica com as múltiplas jornadas; 4. Pesquisar qual apoio institucional é oferecido para as discentes que são mães. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa é de cunho científico com abordagem qualitativa; como fontes e coleta de informações, a entrevista semiestruturada e o questionário. Os resultados dessa pesquisa revelam que para manter a permanência de mulheres mães e migrantes, é preciso investir em mais recursos financeiros, apoio psicológico e rede de apoio. Portanto, foi possível com este estudo, problematizar os desafios da permanência de mulheres, mães e migrantes, no contexto contemporâneo do Centro de Formação de Professores, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, compreendendo que é preciso que a universidade acolha essas mulheres mães e migrantes em suas especificidades, pois elas são atravessadas pelas múltiplas funções de trabalho, casa, filhos e estão sendo estudantes do ensino superior. Através destas perspectivas, esperamos que este trabalho se some a outros que discutem as lutas travadas por permanência das mulheres que são mães e migrantes que adentram as universidades públicas brasileiras.

**Palavras-chave:** Mulheres-mães; Múltiplas Jornadas; Permanência Universitária.

## ABSTRACT

The graduation thesis entitled "Women, Mothers, and Migrants: Multiple Journeys and University Persistence" aimed to analyze the multiple journeys of women who are mothers and immigrants in the Pedagogy course at the Federal University of Recôncavo da Bahia - Teachers Training Center CFP/UFRB, taking into account aspects related to university persistence conditions, considering the multiple roles they play (motherhood, professional, university, and displacement). The general and specific objectives include: 1. Understand how being a woman, mother, and migrant influences the training process of teacher candidates at the Teachers Training Center/Federal University of Recôncavo da Bahia; 2. Identify the main challenges faced by female students who are mothers and migrants in the researched context; 3. Investigate how these women, mothers, and migrants balance academic routines with their multiple roles; 4. Research the institutional support provided to student mothers. Methodologically, the research is scientifically oriented with a qualitative approach; using semi-structured interviews and questionnaires for data collection. The results reveal that maintaining the presence of mother and migrant women requires investment in additional financial resources, psychological support, and a support network. Thus, this study problematizes the challenges faced by women who are mothers and migrants in the contemporary context of the Teachers Training Center at the Federal University of Recôncavo da Bahia, emphasizing the need for the university to embrace these women in their specificities, considering the multiple roles they navigate, including work, home, and parenthood, while pursuing higher education. Through these perspectives, we hope this work contributes to discussions about the struggles for the persistence of women who are mothers and migrants entering Brazilian public universities.

**Keywords:** Mother-women; Multiple journeys; University Persistence.

## LISTA DE TABELA

Tabela 1- Porcentagem de Mulheres entre os alunos matriculados no início do ano (Ensino Superior – Brasil) .....	30
--	----

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária das colaboradoras.....	58
Gráfico 2 - Escolha do turno do curso.....	59
Gráfico 3 - Autodeclaração da cor.....	59
Gráfico 4 – Mãe.....	60
Gráfico 5 - Mãe solo.....	60
Gráfico 6 - Mães que trabalham fora.....	61
Gráfico 7 - Desloca para cursar a Universidade.....	61
Gráfico 8 - Desistir do curso.....	62
Gráfico 9 - Projeto de pesquisa e/ ou extensão.....	62
Gráfico 10 -Assistência Estudantil.....	63

## SUMÁRIO

RELATO (AUTO) BIOGRÁFICO .....	12
CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	22
I. PERSPECTIVAS TEÓRICAS:ALGUNS APONTAMENTOS .....	25
1.1 MULHERES E ACESSO A EDUCAÇÃO: CONTEXTUALIZANDO UM PERCURSO .....	25
1.2 MULHERES E O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR.....	29
1.3 PERMANÊNCIA DAS MULHERES NO ENSINO SUPERIOR.....	31
II. PERCURSO METODOLÓGICO .....	34
2.1 Pesquisa qualitativa .....	34
2.2 Instrumentos de produção de informações .....	35
III. ANÁLISE DE DADOS .....	37
3.1 Análise do Questionário no Google Forms .....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	65
REFERÊNCIAS .....	67
ANEXOS .....	71

## RELATO (AUTO) BIOGRÁFICO

Esse memorial é um trabalho (auto) biográfico que tem como objetivo descrever sobre a minha vida e enfatizar sobre alguns momentos marcantes da minha educação nos ambientes não formais, formais e das múltiplas jornadas enfrentadas para cursar o ensino superior na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Centro de Formação de Professores, situada em Amargosa – Ba.

Me chamo Ester da Silva Souza, tenho 42 anos, nascida em 28 de janeiro de 1981, na cidade de Amargosa – Ba, situada no Vale do Jiquiriçá. Sou mãe de dois filhos. Sou filha de Edgar Souza (*in memoriam*) e Maria Elza Batista da Silva Souza. Edgar, nascido e criado na Zona Urbana, trabalhava de Funileiro. Maria Elza, nascida na Zona Urbana e criada na Zona Rural desde a infância e retornou para Zona Urbana, trabalhou de Lavradora e Doméstica. Meu pai não frequentou a escola, aprendeu a ler e a escrever com os pais adotivos; minha mãe não teve a oportunidade de frequentar a escola, pois ela foi criada por uma madrasta e com o pai biológico, mas essa madrasta, com consentimento do pai da minha mãe, a colocou para trabalhar ainda bem criança, fazendo os afazeres domésticos e, com o passar do tempo, essa madrasta começou a ter filhos e era a minha mãe quem cuidava dos doze irmãos para eles trabalharem na roça deles juntos com os outros trabalhadores, com a finalidade de ganhar dinheiro com a venda do café para manterem suas famílias. Nesse tempo, já tinha escola com a proposta de ensino até a quarta série, mas a madrasta da minha mãe prometia todos os anos que ela iria estudar, e isso não acontecia, pois ela continuava ocupando todo o seu tempo cuidando dos afazeres domésticos e dos irmãos. Por conta dessa exploração infantil, e durante a vida adulta sem oportunidade de estudar, minha mãe até os dias atuais não se alfabetizou, tentou se alfabetizar pelo o Programa Todos pela Alfabetização – TOPA, mas o cansaço de cuidar de muitos filhos e trabalhar, a fez desistir de estudar.

Sou oriunda de uma família pobre de muitos irmãos; sou a sexta filha, dos meus dez irmãos. Meu pai desde novo trabalhou de Funileiro, essa profissão foi aprendida através de surra por seu pai adotivo e essa agressão ocorria quando ele não acertava fazer exatamente como o seu pai adotivo pedia. Dessa forma, o meu pai aprendeu arte de funilaria e se tornou o Funileiro bem-conceituado da cidade de Amargosa- Ba, tirando o seu sustento e de seus filhos da renda recebida das vendas da funilaria. Minha mãe, desde criança, já trabalhava na lavoura em torno da casa, cuidava dos afazeres domésticos e de seus doze irmãos. Com dezesseis anos, a minha mãe casou pela primeira vez e teve duas filhas, se separou após alguns anos e retornou

a morar na Zona Urbana, onde começou a trabalhar de Doméstica. Se casou pela segunda vez e teve mais filhos, completando dez filhos, dos quais, morreram três e vivos, tem sete. Com essa jornada de ter que cuidar dos filhos e trabalhar para trazer o sustento para o lar, ocupava muito o seu tempo e ficou sem oportunidade de estudar. Com o passar dos anos, meu pai se aposentou e, mesmo assim, continuou fazendo os trabalhos de funilaria para complementar a renda. Depois que ele morreu, minha mãe passou a ser pensionista.

Minha educação de início foi em casa com meus pais. Uma educação informal, como falar as palavras, pedir licença, por favor, agradecer com obrigada, a dar saudação do dia às pessoas, não participar da conversa dos mais velhos. Essa era a educação que eles podiam me oferecer, pois eles não eram alfabetizados. E essa rigidez na educação acontecia meramente pelo contexto da época, em que as crianças eram tidas como sagradas. Os meus pais já eram religiosos quando eu nasci, portanto eles seguiam toda doutrinação da Igreja a qual frequentávamos.

A educação que eu recebi em casa com meus pais me fez ser uma pessoa educada, ter respeito pelas pessoas, valorizar as coisas mais simples que existem e, verdadeiramente, os ensinamentos deles formaram a minha base como ser humano. Vendo o hoje, percebo que as crianças não ficaram mal-educadas, pois o pedir por favor, licença, agradecer com obrigada, dar saudação do dia às pessoas, continua sendo usado até os dias de hoje e é para a vida toda. Entretanto, com o passar dos tempos, perceberam que as crianças conseguem entender qualquer assunto, basta, especificamente, quem estiver transmitindo, saber falar na linguagem da criança e sem mentira; sempre dando voz às crianças.

A brincadeira era bastante divertida, pois tenho irmãos e vizinhos que eram quase todos com idades semelhantes; explicitamente estávamos vivendo o mesmo período da infância. O meu espaço geográfico vivido chamado de casa, era pequeno e então brincávamos na frente de casa. Não tínhamos brinquedos comprados em loja e, essa falta de ter espaço dentro de casa e do brinquedo comprado, não era problema, porque usávamos a imaginação e o movimento do corpo em prol de nossas brincadeiras. E, desde criança, a falta do brinquedo comprado espaço em casa para brincar fez ter controle sobre os meus impulsos, tornando-me uma pessoa sensata, que vive e é feliz com que tem, sempre indo em busca do que está ao meu alcance.

Em alguns dias da semana, eu e minha família íamos para a Igreja – sempre aos domingos pela manhã – e tinha a Escola Bíblica Dominical, que era separada por faixa etária de idade. Eu e meus irmãos participávamos da classe das crianças, a professora contava histórias em revistas infantis e, após a aula, ela perguntava o que havíamos entendido sobre a história. Dramatizava histórias para fixar, atraindo melhor a nossa atenção; fazia tarefinhas para

colorir, colar e brincadeiras referentes ao tema da aula; cantava músicas fazendo coreografias, trabalhando a coordenação motora com movimento da música cantada e interação entre as crianças.

A Escola Dominical complementava o que eu já aprendia em casa na perspectiva de uma interação maior do que em casa com meus irmãos e vizinhos, pois eram muitas crianças que iam à Escola Dominical. Hoje, enquanto adulta, consigo interagir muito bem com qualquer pessoa, provavelmente vem desde quando eu era criança, pois tinha apreciação por histórias contadas, por diversas maneiras e de músicas. Eu não tive acesso a creche, pois no tempo de criança não existia creche e isso, não sentir falta, até porque a minha mãe estava o tempo todo em casa para ficar comigo e aos domingos íamos pra Escola Dominical, mas eu considero que é importante a criança ter acesso a creche, pois o espaço é apropriado para atender às crianças. Lá se trabalha uma proposta pedagógica com muita ludicidade, cognição, interatividade, aprendizagem significativa, dentre outros.

Aos quatro anos, eu tive o acesso à pré-escola vinculada a Igreja Católica, que tinha o funcionamento em tempo integral. Eu acordava bem cedo para minha mãe me arrumar, com a higiene do corpo, bem como tomar banho, escovar os dentes, vestir a farda, pentear meus cabelos – que sempre foi grande – e tomar café. A Escola funciona em tempo integral, das oito às dezesseis horas, mas, na rotina não tinha o banho, era ruim porque a gente ficava muito suado e sujo.

A aula começava às oito horas, mas, minha mãe saía comigo de casa cedo para chegar no horário na escola. O percurso era sempre o mesmo: bosque, jardim, Igreja, Bancos, Telebahia e, em frente à Escola, um Seminário. Esses são os pontos de referência que me chamavam a atenção no caminho da escola, pois eu ficava admirando e queria saber sobre a história daquele local; minha mãe tinha toda paciência em me contar o que ela sabia sobre aquele lugar, mesmo ela não sendo alfabetizada para conseguir ler o nome do local, sabia me falar o nome e a história daquele local que, a cada dia que passávamos em frente para ir à Escola, aguçava a minha curiosidade e despertava em mim a vontade de perguntar mais sobre aquele lugar.

Na portaria, quem me recebia era uma porteira. Nessa época, as mulheres eram as que ocupavam os espaços no âmbito da Educação, portanto eram tidas como cuidadoras, quase uma mãe. Diferente dos dias atuais, mesmo ainda com tanta resistência, o homem vem atuando em algum cargo no setorial escolar. Por muitas vezes, os homens não estão atuando como professores na educação infantil, mas estão na portaria, na administração, com isso, muda toda perspectiva do lugar “de abrigo” para Instituição de Ensino.

A minha professora abordava algumas práticas pedagógicas como as tarefinhas para colorir com lápis de cor e giz de cera, das quais, a professora pegava em nossas mãos para a gente pintar sem passar da margem; eu achava ruim, porque a minha mão doía e também eu queria pintar do meu jeito, sem ter alguém segurando na minha mão.

Hoje, as crianças na educação infantil têm autonomia para desenvolver suas atividades com suas próprias criatividade e o professor valoriza a prática criativa do aluno. Uma tarefa que eu gostava muito de fazer era descobrir o desenho: uma folha de papel ofício, uma forma de desenho feito na cartolina e outra folha de papel ofício no verso, as duas folhas de ofício escondiam o desenho e quando começava pintar com giz de cera, ia aparecendo a forma do desenho. Nessa tarefa, a minha professora não pegava na minha mão, deixava livre, por isso eu sentia apreciação pela tarefa, pelo fato de aguçar a minha curiosidade e imaginação e de utilizar da minha própria autonomia.

O momento de recreação acontecia em uma quadra de futebol que tinha uma arquibancada, por sinal, muito alto os degraus, impossibilitando a gente sentar e era desconfortável estar no local para recreação que não era apropriado para atender crianças pequenas. Então ficávamos em pé para participar das brincadeiras, como anel- anel, pula corda, amarelinha, roda, baleado, boca-de-forno e outros. Era muito divertido e seria mais divertido ainda se o local fosse mais apropriado. Essa recreação trabalhava a interação com meus colegas, cognição, afetividade, autonomia e podíamos falar bastante; trabalhava o movimento também.

No auditório, eram realizadas as apresentações como músicas, peças de teatro e também um momento em que as freiras rezavam o terço. Eu gostava só um pouco de ir pro auditório, porque todo conteúdo abordado era direcionado a religião católica e eu era de outra religião, então não participava das atividades que eram propostas, mas, às vezes a professora ficava me observando, eu com medo da repreensão da minha professora e da direção, balbuciava fingindo que estava rezando e cantando as músicas. Hoje tem mudado um pouco, depois da LDB de 96, que foi aprovada em 2009, tendo como princípios respeitarmos as diferenças culturais, identidades e singularidades. Portanto, é garantido por lei que não se deve falar de uma só religião, mesmo porque cada indivíduo tem a sua religião.

Nessa escola, era oferecido o lanche da manhã, almoço e lanche da tarde. No cardápio tinha alguns itens que eu não gostava e, por isso, não comia, como a farofa de carne-de-sertão, que tinha um cheiro estranho e o feijão que eu achava gorgulho por diversas vezes. Que nojo eu sentia! E lá na escola tinha um incentivo das professoras para a gente comer tudo. Mas, eu devolvia o prato sem nem mexer quando era farofa ou feijão e a cozinheira percebendo que eu não tinha almoçado, me chamava escondido dos meus colegas e me dava o restante do lanche

da manhã ou adiantava o lanche da tarde. Eu me sentia acolhida por essa cozinheira que tinha um olhar perceptivo e bem sensível comigo.

Nessa escola eu estudei por dois anos, aprendi a colorir os desenhos sem passar da margem, cobrir formas, aprendi as cores, só não precisava padronizar os corpos, sendo que toda criança tem seu tempo de aprender e quando algo é forçado, você faz por fazer e não tem um aprendizado significativo. Nessa escola fiz amizades que tenho até hoje e isso pra mim é de grande importância, comprovando que desde muito pequenos podemos nos relacionar uns com os outros, até a fase adulta.

A escola tinha regras, quando alguns meninos desobedeciam a alguma regra ficava de castigo ajoelhado no milho, que machucava o joelho e a autoestima. Hoje é na cadeira de pensar, que machuca somente a autoestima. Só mudou o método do castigo, mas continua existindo o castigo como forma de correção para quem desobedecer a ordem estabelecida na escola de Educação Infantil, especificamente.

Quando chegavam as férias da escola, minha mãe levava meus irmãos e eu para a roça do meu avô com a finalidade de ter o momento de contato com a natureza com muito espaço, além de ver nossos primos que todas as férias iam também para roça, mesmo porque a nossa casa era muito pequena e na roça tinha bastante espaço dentro de casa e um enorme espaço fora da casa para a gente extravasar nossas energias, brincando de diversas brincadeiras. Não íamos para a roça só brincar, mas também para apanhar junto com ela café seco no chão, garantindo assim, a compra de nossas fardas do ano seguinte, pois nesse tempo, eram os pais ou responsáveis que deveriam providenciar o fardamento escolar. A minha farda era uma saia azul marinho e a blusa branca, minha mãe pagava uma costureira para confeccionar. Nos dias atuais, as escolas municipais e estaduais disponibilizam o fardamento anualmente e isso já diminui o gasto para família.

Na roça eu subia em árvores obtendo o equilíbrio, comia as frutas no próprio pé sem lavar as mãos criando anticorpos, ia à mata com minhas tias, primos e irmãos pegar lenha. Ficava admirando as variedades de árvores que tinha na mata, tomava banho com a água da fonte e levava um balde pequeno para lavar os pés, pois a fonte era distante da casa do meu avô e quando eu chegava em casa já estava com os pés cheios de poeira. A água era muito valorizada por nós, que na casa do meu avô não tinha água encanada.

Em uma dessas férias, quando já tinha completado o tempo da minha saída da escola de educação infantil, minha mãe falou com meu pai para me matricular na alfabetização. Como era de costume todo ano ir à roça do meu avô, quando voltamos, minha mãe perguntou se ele tinha me matriculado, ele confirmou que sim, no primeiro dia de aula eu estava toda empolgada

pra conhecer a minha sala, meus colegas, minha professora, mas meu nome não estava na lista e não tinha mais vagas para efetuar a matrícula, assim como só tinha poucas escolas que ensinavam o primário, quanta tristeza eu sentir! Como é importante ter escola municipalizada, no entanto, tem algumas que ofertam o ensino até o nono ano.

Minha mãe me colocou em uma escola com professora leiga, para eu ser alfabetizada e não ficar sem estudar. Eu era a menor da turma e a professora mandava sentar na frente para ter a visão melhor do quadro. Nessa época, o professor usava muito o quadro negro como recurso para dar aula e esse olhar criterioso da professora foi importante para o meu aprendizado nessa escola. Como já mencionei mais acima, meu cabelo sempre foi grande e minhas colegas puxavam meus cabelos, eu ficava com dor na cabeça. Falava com a professora para chamar atenção delas, elas não atendiam a professora; avisava a minha mãe e ela ia na escola, falava com as meninas, elas paravam uns dias e depois voltava tudo novamente. Não via a hora de terminar aquele ano, não pela professora que era muito boa, mas pelas minhas colegas que não respeitavam as diferenças de cada pessoa, ou seja, a minha diferença, de manter meus cabelos longos.

Nos dias de hoje, com a lei 13.185 em vigor, em 2016 seria o bullying, que é um termo da língua inglesa “valentão” que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com objetivo de intimidação ou agressão com outra pessoa e, a escola ou os responsáveis, sabendo desse acontecimento com alguma pessoa, pode entrar em contato com o serviço do Conselho Tutelar para esclarecimentos e ter um acompanhamento específico com essa pessoa que está na prática do bullying. No ano seguinte, antes de a gente ir passar as férias na roça, minha mãe fez nossas matrículas e eu fui matriculada novamente na alfabetização, pois a Escola era estadual e não considerava como continuidade de passar para outra série o ensino dado por professoras leigas. Todos os assuntos que a professora passava eu já tinha noção e fazia a tarefa primeiro do que os meus colegas, mais outro ano que eu só queria que passasse bem rápido, entretanto eu já sabia dos assuntos e desejava novidade. Hoje se tem a creche, que abrange desde os quatro meses de vida da criança até o sexto ano, pelo município e com pedagogos preparados e é de grande importância do que quando eu fiz minha Educação Infantil. Hoje, é de oito para oitenta a mudança.

Passei os cinco anos do primário nessa escola e passava todos os anos. Não sei se era boa aluna, mas correspondia ao que a escola pedia. Fui para o ginásio, passei da quinta série para sexta; na sétima, engravidei aos quinze anos e foi uma subversão à ordem. Todos à minha volta me olhava com desprezo, inclusive minha família que era tradicional e religiosa. Enfrentei

muitas dificuldades para permanecer estudando, pois sentia muita vergonha quando as pessoas me olhavam grávida. Quando minha filha nasceu, em meio a tantos enfrentamentos durante a gravidez, a avó paterna dos meus filhos me deu o maior apoio cuidando da minha filha para que eu pudesse estudar. Foi muito difícil passar noites acordadas cuidando da minha filha, dando mingau, trocando fraldas, por muitas vezes ela adoeceu... tempo complicado para estudar, mas continuei cursando com o apoio da avó paterna dos meus filhos – que é a minha mãe de consideração – até concluir o ensino médio. Nunca repetir o ano por incompetência minha, só repetir a alfabetização porque meu pai não soube fazer minha matrícula na escola.

Logo cedo comecei a trabalhar em lojas e depois numa empresa de calçados aqui em Amargosa. Com essa demanda de ser mãe de família e trabalhar o dia inteiro, deixei de me dedicar aos estudos após ter concluído o ensino médio; só participei de alguns cursinhos de pré-vestibular, fiz uma vez vestibular aqui mesmo em Amargosa para cursar a Universidade, mas não passei.

Passaram mais alguns anos, a minha primeira filha tinha doze anos, resolvi engravidar novamente; fiz o Enem grávida do meu segundo e último filho e passei, mas não me sentia segura para cursar a Universidade. Pensava sempre nas minhas dificuldades, o que eu iria enfrentar com essas demandas trabalhando o dia inteiro e com filho pequeno e ter que me dedicar aos estudos.

Eu preferir aguardar mais um pouco, mas todos os anos eu fazia o Enem, fiz várias vezes para testar meus conhecimentos que eu entendia que era de grande importância. Somente em 2010, quando me separei do pai dos meus filhos, comecei ver a vida a partir de outro olhar e cursar a Universidade como um sonho possível de se realizar, pois só bastava fazer o Enem, ter bom resultado e ter determinação para cursar. Mesmo sabendo das dificuldades que iria enfrentar, esperei meu filho crescer mais um pouco; ele foi crescendo e eu fiquei doente decorrente ao trabalho repetitivo que exercia. Quando eu não suportei a jornada de trabalho, a empresa me afastou do trabalho, foi um período de muita dor; dor na autoestima. Eu, com filho pequeno para dar conta e doente, impossibilitada de trabalhar, foi um dos momentos mais difíceis da minha vida, em que não sabia identificar onde doía no meu físico e, por isso, procurei vários médicos por alguns anos e tive o diagnóstico: sou portadora de uma doença crônica na coluna cervical. A partir da descoberta, passei a tratar com medicamentos e fisioterapia e o sonho de cursar o ensino superior foi adiado, mas não esquecido. Passou mais algum tempo afastada do trabalho tratando a doença, a empresa decretou falência e me chamou para ser demitida. A partir desse momento, não existia mais empecilhos para me impedir de cursar a universidade, mesmo com a saúde fragilizada e, em 2016, um colega me inscreveu no

Enem, eu consegui um bom resultado. Meu genro colocou minha nota no Sisu para tentar uma vaga, esperei um pouco.

Em 2017 eu ingressei na universidade, no curso de Pedagogia! O curso de Pedagogia eu escolhi desde o início, por ser acessível para o meu contexto de vida e a Universidade ser situada na mesma cidade que eu moro; esse aspecto facilitou o meu ingresso. O curso é amplo e de vasto conhecimento, que me possibilitou saber de vários assuntos da nossa própria realidade, claro, comprovado teoricamente. O saber criticar e mostrar como ser melhor, no entanto, estou em formação e a formação é enquanto eu viver; vou aprendendo muito mais. Para que o meu problema de saúde não atrapalhasse o meu desenvolvimento na Universidade, eu busco a estratégia de sentar na frente, próximo ao professor e coloco minhas pernas em outra cadeira. Ando devagar e para digitalizar os trabalhos, faço aos poucos. Vou vivendo esse desafio! Além do desafio de ter que cuidar do meu filho, dedicar os afazeres domésticos, lidar com o problema de saúde de meu filho – que me faz perder muitas noites desde que ele nasceu –, e mesmo assim não fui uma aluna de faltar às aulas, sempre dei a devolutiva das atividades no tempo determinado pelos professores e obtive aprendizado significativo.

Cursando o ensino superior, percebi a dicotomia entre toda a minha escolaridade básica de educação bancária com o ensino superior, pois tive que fazer o exercício difícil de me envolver com as leituras acadêmicas, entender o que estava escrito, criticar, produzir textos, preparar apresentações e isso levou algum tempo para acontecer. Enquanto esse movimento não acontecia, as atividades de leituras, escritas e apresentação eram pedidas pelos professores, eu precisei muito do apoio de outras pessoas, inclusive de professores para conseguir corresponder as atividades do curso e, por essas pessoas, a minha eterna gratidão. Com o passar do tempo, consigo melhor me desenvolver para atender às demandas da Universidade.

Muitas vezes, na minha graduação eu levei meu filho para assistir às aulas e fazer trabalho em grupo no contra turno que ele estudava. Eu o levava e a lancheira para passar a metade do dia fora de casa. Meu filho ficava por alguns momentos gostando da situação, mas tinha vezes que ele me dizia: “Tomara essa faculdade termine logo! vai terminar que dia mesmo? A senhora só pensa em estudar?” Esses esforços, eu fiz nas perspectivas de me dedicar ao curso que oferta alguns componentes optativos, porém importantes para minha formação nos horários opostos ao meu curso e de dar a minha contribuição para o trabalho em grupo. Muitas vezes não estava bem no físico, relatava o problema e no grupo de trabalho não fui compreendida, muito triste me sentia. Quantas vezes me perguntei se estava no lugar certo! Mas, continuei mesmo enfrentando tantos desafios para cursar o ensino superior.

Eu sou a primeira dos meus seis irmãos a cursar universidade e é um sonho a ser realizado na minha família. Nos primeiros meses foi difícil permanecer sem uma renda, no terceiro semestre me inscrevi na bolsa do Programa Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência (PIBID), mas não fui contemplada com bolsa, fiquei como voluntária, aguardando se houvesse alguma desistência. Mas, não demorou muito, eu fui contemplada com bolsa! Foi um programa que me possibilitou acessar novas teorias, novos conceitos que agregaram com os conhecimentos já obtidos na Universidade e eu, como Pibidiana, tive uma experiência na Educação Infantil, participando desse programa por dezoito meses, que foi uma ajuda para permanecer na Universidade.

Cursando o sexto semestre, as aulas foram suspensas por causa de movimento sombrio, que veio sem aviso prévio, que foi a pandemia pelo vírus covid-19 e variantes com o propagar de contágio muito rápido. Pense em um vírus perigoso! Que eu já fui infectada e meus familiares, mas ficamos bem. Por outro lado, o vírus matou muita gente, meus sinceros sentimentos aos que morreram sem terem direito de serem velados. Diante desses aspectos pandêmicos, o melhor remédio antes de ter a vacina foi o distanciamento social, até que todos estivessem imunizados com todas as doses necessárias de vacinas para se ter segurança.

O distanciamento social levou a organizar as aulas da Universidade em outro formato: no formato remoto por plataformas digitais. Este foi outro momento desafiador de ordem maior, ter que me distanciar das pessoas que eu gostava de ficar perto, mexer na ferramenta digital e adaptar ao novo... Foram tantos erros cometidos (risos), eu entrava na aula pela plataforma e não saía quando terminava, não sabia participar das atividades on-line, não sabia compartilhar tela para apresentar as atividades; precisei assistir muito tutorial no YouTube e foi bem proveitoso os ensinamentos.

Nesse mesmo período, foi lançado o edital do Programa Residência Pedagógica (RP). Eu me inscrevi e fui contemplada com bolsa. Fiquei muito contente, pois estava precisando da bolsa e de ter mais uma experiência na educação básica, antes de concluir a minha graduação. O RP funcionou por dezoito meses de forma remota no Ensino Fundamental 1 e contribuiu para minha formação significativamente, pois o remoto me possibilitou ter formações virtuais com estudiosos da educação de vários lugares e os textos estudados, experiências vivenciadas por meio de uma tela, agregaram para o meu repertório de conhecimento.

Terminou o Residência Pedagógica, foi lançado o edital do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX) em 2022, tentei a bolsa, mas não consegui. Fiquei como voluntária por um semestre para obter formação sobre as deficiências, especificamente dos alunos da educação básica, da cidade de Amargosa-Ba. As formações do PIBEX foram no

viés de incluir os alunos com deficiência no âmbito da educação de forma prática. Sendo as formações pertinentes, que contribuíram para agregar com os meus conhecimentos adquiridos nos componentes de In/ Exclusão, Educação Especial e Inclusão da Educação. No mesmo ano consegui um contrato de trabalho na função de Assistente de Classe, pela rede de ensino de Amargosa-Ba, e foi uma experiência enriquecedora, de esperar no novo momento de recomençar a volta da presencialidade de todos que compõem o âmbito escolar. Mesmo com algumas restrições, ter contato com toda organização da escola e experenciar a nobreza de conviver com crianças pequenas, mas de aprendizado gigantescos. Este ano, estou trabalhando no cargo de Assistente Administrativo em uma Creche do município de Amargosa, com carga horária de 40 horas. É uma experiência nova, porém cansativa que existe, paralelamente à escrita do meu TCC, mas busco respirar...e digo para mim...falta pouco... é só mais uma travessia que precisa ser concluída para buscar novas possibilidades de atuação.

Atualmente, estou na reta final do curso de Pedagogia, me encontro ansiosa e confiante que o sonho ficou mais perto de ser realizado. Ao longo do curso, me formei humanamente com a vivência das histórias de vida do outro. Consigo entender os textos com mais facilidade, refletir criticamente, fazer correlação socialmente e consigo produzir textos do meu jeito, às vezes meio tímida nas escritas, mas estou em permanente construção de aprendizado.

Com a escrita deste relato (auto) biográfico, foi possível reviver as minhas memórias e o meu processo formativo no curso de Pedagogia, dando o pontapé inicial da escrita do meu trabalho de conclusão de curso. E, a partir desse escrito inicial, fica perceptível que eu desejo pesquisar como as múltiplas jornadas de ser mulher, mãe e migrante, pensando em como interferem no processo de formação das licenciandas do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

O interesse em realizar esta pesquisa, parte da minha posição enquanto mãe e discente do curso de Pedagogia, em reflexão sobre as múltiplas jornadas literalmente ligados ao cuidado, atenção e carinho da vida cotidiana que as mulheres mães têm com os filhos no momento de adoecimento, acompanhamento das atividades escolares e demais aspectos pertinentes aos afazeres do lar e trabalho. Isso se acentua, por exemplo, no tempo disponível para dedicação das atividades acadêmicas e no cumprimento do momento da entrega. Uma vez que essas mulheres mães tem que se subdividir entre as atividades da academia, de seu filho e dos afazeres do lar e trabalho.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho monográfico tem como intuito esclarecer e evidenciar aspectos relacionados a importância de tratar sobre a temática de “Mulheres, mães e migrantes: Múltiplas Jornadas e Permanência Universitária”, tendo em vista as jornadas de ser mulher, mãe e graduanda, paralelo às demandas da academia, cuidado com filhos, trabalho e deslocamento. Portanto, cabe destacar que historicamente as mulheres foram submissas aos ditames da sociedade machista e patriarcal. Uma cultura, infelizmente, persistente na sociedade que visa manter as mulheres no âmbito da história como recatada, dona do lar, vivendo só para o seu marido e cuidado dos filhos. Concordando com Lopes Louro (1997, p.17), essa invisibilidade produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizam a esfera do privado, o mundo como o “verdadeiro” universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida por algumas mulheres. Por isso, ao longo dos anos, as mulheres vêm lutando para ocupar distintos espaços no âmbito da sociedade.

Mesmo com todo esse avanço conquistado pelas mulheres, essa temática é pertinente ser pesquisada na academia, pois essas mulheres, mães e migrantes, estão imersas nos cursos que a universidade disponibiliza, têm filhos que dependem dos seus cuidados e, como elas, reagem às múltiplas jornadas da vida acadêmica, paralelamente ao cotidiano de suas vivências.

A escolha do tema a ser pesquisado me inquieta, pois perpassa pessoalmente por meu processo de graduação, porque sou mãe, dona de casa e trabalho. Desse modo, tenho experienciado as dificuldades encontradas para dar conta das jornadas que me atravessam diariamente, que são as demandas da academia, o cuidado com meu filho, afazeres domésticos e trabalho. Por muitas vezes, não fui compreendida no percurso da graduação sobre aspectos inerentes às minhas múltiplas jornadas.

Vale salientar que, quase sempre, a mulher mãe opta em desistir dos estudos, da carreira, por conta dos afazeres domésticos, dos cuidados com a família e trabalho. Partindo desses pressupostos de demandas, as licenciandas que são mães, não conseguem envolver-se em todas as atividades acadêmicas: grupos de trabalhos, evento científico, grupo de pesquisa e extensão, portanto, atividades que alargam os conhecimentos universitários. E, por essa condição, acabam não sendo compreendidas por colegas e alguns professores quando não conseguem participar de todas as atividades relativas à rotina acadêmica. Outro fato pertinente é que muitas mulheres só acessam o ensino superior após terem se casado e com filhos. Sendo assim, implica literalmente com duas situações delicadas: o machismo e a ausência de pessoas para deixar os filhos enquanto elas estudam.

Diante deste cenário, elaborou-se a seguinte questão de pesquisa: Como o fato de serem mulheres, mães e migrantes interfere no processo de formação das licenciandas do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia? Esta indagação desdobrou-se nos seguintes objetivos geral e específicos, com o intuito de nortear a pesquisa:

- 1) Compreender como o fato de serem mulheres mães e migrantes interfere no processo de formação de licenciandas do Centro de Formação de Professores/Universidade Federal do Recôncavo da Bahia;
- 2) Conhecer os principais desafios que se apresentam para estudantes mulheres, mães e migrantes no contexto pesquisado;
- 3) Investigar como essas mulheres, mães e migrantes conciliam a rotina acadêmica com as múltiplas jornadas;
- 4) Pesquisar qual apoio institucional é oferecido para as discentes que são mães e migrantes;

Este trabalho se justifica socialmente, academicamente e pessoalmente, as mulheres enquanto mães e migrantes estão cursando o ensino superior e esse progresso entende-se a partir das lutas vivenciadas pelas mulheres, reivindicando um direito historicamente negado. Neste viés de avanços socialmente ditos, é pertinente pesquisar esta temática, pois estas mulheres estão cursando na universidade e como traçar medidas de ações afirmativas para essas mulheres mães serem tratadas com um pouco de dignidade durante processo de graduação se faz necessário. Pessoalmente, esta temática justifica-se pela vivência da pesquisadora, frente às múltiplas jornadas atravessadas pelas mulheres da classe trabalhadora, para permanecer no ensino superior, pois é mulher, mãe, trabalhadora e estuda no curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Centro de Formações de Professores.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa é de cunho científico, com abordagem qualitativa que “busca ultrapassar o senso comum [...] através do método científico permite que a realidade social seja reconstruída enquanto objeto do conhecimento, através de um processo de categorização[...] que une dialeticamente o teórico e o empírico.” (Deslandes, 2011, p.34). Sendo assim, a pesquisa será efetivada na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, Centro de Formação de Professores – CFP, no município de Amargosa - Bahia, e terá coleta de dados, através da entrevista semiestruturada com duas mulheres, mães e migrantes e, por meio do questionário disponibilizado via *google forms*, com 46 mulheres do curso de Pedagogia. Para a entrevista semiestruturada, foi disponibilizado para as duas colaboradoras, um questionário de perguntas abertas, previamente elaboradas. Na pesquisa, através do questionário via *google forms*, com questões abertas e fechadas, foi disponibilizado o link e enviado via internet: WatssApp e e-mail, visando a liberdade de expressão das entrevistadas e deixando-as livres na elaboração das respostas, nas duas vias de entrevistas.

Este trabalho monográfico, estrutura-se da seguinte forma: Relato (auto)biográfico, descreve sobre a vida da pesquisadora e enfatiza sobre alguns momentos marcantes da educação nos ambientes não formais, formais e das múltiplas jornadas para cursar ensino superior, estabelecendo relações com o tema de estudo. Considerações Iniciais que contempla uma abordagem panorâmica da pesquisa, apresentando justificativa, objetivos e problema de pesquisa. Primeiro capítulo, apresenta uma discussão teórica a respeito do tema em estudo. Segundo capítulo, informa os procedimentos metodológicos adotados, considerando a abordagem de pesquisa, instrumento de produção de informações, campo empírico e sujeitos da pesquisa. Terceiro capítulo, apresenta os resultados obtidos com a análise dos dados. Por fim, consta uma síntese dos resultados, as referências e os anexos.

## I. PERSPECTIVAS TEÓRICAS: ALGUNS APONTAMENTOS

### 1.1 MULHERES E ACESSO A EDUCAÇÃO: CONTEXTUALIZANDO UM PERCURSO

Início esse capítulo com um sentimento de contentamento em ter escutado, no dia Internacional da Mulher, 08 de Março de 2023, o governo Lula apresentar um projeto de lei que visa garantir igualdade salarial para homens e mulheres que exercem a mesma função, mas, ao mesmo tempo reflito a respeito do quão lamentável é precisar de uma lei para algo que deveria ser natural. Entretanto, quando vamos aos registros históricos, é percebido que as mulheres foram subalternizadas e colocadas à margem do mercado de trabalho formal.

No período colonial, em que o ensino era responsabilidade da ordem jesuítica, apesar do modelo de Educação não ser um exemplo de referência metodológica, afinal, consistia em uma ideologia religiosa que para as classes mais abastadas tinha intuito de formar homens cultos e religiosos, para os homens indígenas, o princípio era a conversão na fé cristã, enquanto as mulheres, de ambos grupos, não tinham o direito a frequentar esses espaços.

A autora Arilda Ribeiro em sua obra “Mulheres e educação no Brasil-colônia: histórias entrecruzadas” (1987), apresenta um outro olhar, a partir da descoberta de registros de uma indígena, chamada Catarina Paraguassu, conhecida também como Madalena Paraguassu, a primeira mulher a vivenciar a experiência da leitura e escrita, a qual redigiu uma carta ao bispo de Salvador, Padre Manoel de Nóbrega:

Era uma correspondência de reivindicação. Um clamor contra a escravidão infantil. Madalena pedia ao Bispo de Salvador a favor de melhores condições de vida das crianças negras escravas. Solicitava que as mesmas “que se vêem separadas dos pais cativos, sem conhecerem Deus, sem falarem a nossa língua e reduzidas a esqueletos” fossem salvas dos maus tratos que sofriam nas mãos dos traficantes. (Ribeiro, 1987, p. 11)

O Brasil carrega diversas marcas pesadas, no que se diz respeito às opressões humanas e uma delas foi a escravidão. A denúncia realizada por Caramuru, em relação aos maus tratos acometidos às crianças escravizadas, é uma evidência da responsabilidade social que ela tinha, pois além de ser a primeira mulher a ler e escrever, ela utilizava os recursos que detinha a favor do povo.

Se estamos falando de educação das mulheres, não deixemos de citar o quão grave foi a vivência de mulheres negras, e ainda assim permanecem os desafios, mas nos atentemos às condições violentas que eram condicionadas, sem oportunidade ao menos de ter a sua própria

família, muito menos acesso à educação, nessa conjuntura :

Desde a chegada da mulher negra no Brasil, na condição de escrava, iniciou-se a luta em prol de vida com dignidade na sociedade brasileira. Assim mesmo sendo a discriminação racial ou racismo declarada crime, a sociedade, ainda age em relação ao negro, camufladamente de forma bastante preconceituosa e racista. Nesse contexto estão “as mulheres negras e as mulatas que em geral, sofrem de tripla discriminação: sexual, social, e racial. Portanto tudo o que se coloca como problemática para a população negra atinge especialmente as mulheres (Valente, 1994, p. 56).

Sendo assim, lidar com essas problemáticas violentas nunca foi fácil para a população preta, em especial as mulheres negras, a qual mesmo no fim da formalização do período escravocrata, teve que sobreviver no mundo do trabalho informal para obter seus recursos.

Posteriormente, no século XVII, surgem os conventos no Brasil, tidos para muitos como casas de recolhimento, pois para algumas meninas que lá chegavam, nem sempre era por ter recebido um “chamado” ou vocação, mas sim, devido ao receio com a partilha de seus bens com os prováveis futuros genros, ou também haviam casos de maridos que abandonaram suas esposas. Embora houvessem aulas para ler manuscritos cristãos e escrever, ainda assim as irmãs tinham aulas de costurar, fazer bordados, música e o dever para com a fé de orar constantemente. Com a reforma de Pombal, a responsabilidade do Ensino passaria a ser do Estado, embora os métodos jesuítas, que em 1759 foi retirado, tenha deixado marcas no Ensino Brasileiro.

Foi no período imperial, em que foi produzida a primeira constituição do Brasil, a qual legitimou o ensino primário gratuito a quase todos os cidadãos, os povos que foram arrancados de suas terras, africanos em diáspora ou pessoas que foram escravizadas, não podiam ter acesso.

Com a separação de turmas para meninos e meninas, as mesmas tinham disciplinas específicas para “artes do lar”, com intuito de formar boas mulheres para suas famílias. Se configurando assim, uma educação que representava os moldes da sociedade patriarcal, mulheres brancas que tinham a concessão para aprender a ler, escrever, realizar contas matemáticas, mas que teria aplicabilidade para a fé cristã e resoluções para administrarem as suas casas.

Devido a demanda de mulheres de ter acesso ao mercado de trabalho, foram criadas as Escolas Normais, podendo assim ter a oportunidade de serem professoras. Entretanto, as regras e estrutura curricular, atendiam aos padrões da época, permissão dos seus pais, horários para receber visitas, manter média alta.

Nesse mesmo período, foi disseminado o discurso da vocação em que as mulheres tinham uma essência natural para exercer o magistério, devido às suas qualidades relacionadas ao cuidado, à ternura. Argumentos estes utilizados por setores da sociedade como médicos, o alto clero e governantes.

Mesmo com esses discursos inerentes às mulheres no professorado, elas não podiam ocupar cargos de administração escolar, os quais eram destinados aos homens, mesmo que não houvessem registros claros a respeito dessa definição, pareciam acordos de “cavalheiros” entre governantes e administradores do Ensino, podendo-se observar as desigualdades de gênero.

Em 1879, ano que o governo imperial legitimou a permissão da entrada de mulheres nas faculdades, com as barreiras do consentimento de suas famílias e olhares da sociedade, o ingresso feminino foi irrisório, visto os papéis e obstáculos que eram atribuídos às mesmas.

Na era industrial, em 1950, houve uma necessidade de mudança: formar pessoas para a mão de obra. Por isso, mulheres começaram a se integrar mais nos ensinos médio, a qual tinha uma lógica mercadológica. Porém, foi na década de 90 que houve uma significativa mudança no cenário da Educação, a presença feminina nos cursos superiores progredia, mestras e doutoras, bem como outras mulheres tinham suas trajetórias marcadas na educação primária. Esse dado ampliou para a educação básica como um todo, como afirma uma pesquisa do INEP no ano 2000, em que revela que “85% dos 1, 6 milhão de professores da educação básica em todo o país são do sexo feminino”.

Historicamente, as mulheres foram colocadas em posições submissas aos homens, configurando assim em uma sociedade machista e patriarcal. Os estudos de Santos (2009) informam que ao longo da história as mulheres foram privadas de algumas profissões.

A mulher no contexto da História da Educação é vista com certa contradição, pelo fato de ter sido marginalizada ao mesmo tempo em que foi integrada como educanda e mestre. Inicialmente tratada intelectualmente como inferior, mas ao mesmo tempo, foi considerada portadora de características essenciais para desempenhar a função de mãe e primeira educadora de acordo com o discurso positivista, no final do século XIX (Telles, 2014, p. 5).

Dessa forma, o discurso positivista no século XIX, que trata a mulher intelectualmente como inferior e, ao mesmo tempo, é considerada ser portadora de características essenciais para desempenhar a função de ser mãe e primeira educadora. Com essa perspectiva, a mulher foi legitimada pela sociedade para ser só mãe, sem ter uma valoração no intelecto. Nesse cenário, a mulher foi legitimada pela sociedade para exercer funções do cuidado com o lar, ao cuidado materno, sem ter sua valoração pelo intelecto. Nesse sentido, “[...] eram criticadas socialmente

pelo descrédito do seu potencial intelectual” (Pimentel; Santiago, 2014, p.1), justamente por ser tida como sexo mais frágil em detrimento ao sexo masculino, como nos chama atenção Louro (1997):

É imperativo, então, contrapor-se a esse tipo de argumentação. É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (Louro, 1997, p. 21).

Compreender a trajetória que foi colocada para o gênero feminino é fundamental para entender que não foi algo natural e destinado às nossas existências, mas sim, articulado e montado para a permanência nos locais de poder, por meio do gênero que não pretendia abrir mão de seus privilégios, o homem branco de classes favorecidas, os quais têm um grande papel no que se diz respeito às desigualdades entre gêneros, raça e etnia, principalmente no que me ateno a investir meus estudos, que são as desigualdades no acesso a educação das mulheres. Segundo Telles (2014),

[...] as conquistas efetivadas ao longo das primeiras décadas do século XX, como o acesso das mulheres ao ensino superior e a algumas profissões, sob a mentalidade de mulher-mãe que deveria ser pura e assexuada, ainda estava presente. A mulher não deveria sair do lar, e caso assumisse algum trabalho deveria ser legítimo, como profissões ligadas à saúde e educação, tendo ainda que conciliar as atividades domésticas com as atividades fora do lar (Telles, 2014, p. 11).

Nesse sentido, as conquistas das mulheres efetivadas ao longo das primeiras décadas do século XX, como o acesso ao ensino superior e a algumas profissões, mas ainda sob a mentalidade de mulher-mãem que deveria ser pura e assexuada, ainda estava presente. A mulher não deveria sair do lar e, caso assumisse algum trabalho, deveria ser legítimo, como profissões ligadas à saúde e a educação, tendo ainda que conciliar as atividades domésticas com as atividades fora do lar. Em conformidade com Louro (1997, p.22), a autora evidencia que é necessário discutir com mais profundidade sobre a categoria mulher. As justificativas das desigualdades entre homem e mulher não precisam ser buscadas nas diferenças biologizantes e sim nos arranjos impostos pela sociedade, que inviabilizam a mulher como um ser imerso e atuante na sociedade.

## **1.2 MULHERES E O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR**

Como visto anteriormente, o público feminino teve dificuldades para acessar o ambiente educacional. Tratando-se sobre o Ensino Superior, as mulheres só começam a ingressar no século XIX. Foi na faculdade de medicina da Bahia, a primeira estudante do curso superior, em 1887. O ingresso do grupo feminino foi lento, visto que se passaram 15 anos para uma mulher cursar direito e mais 16 anos, uma da mesma área ocupar o espaço. Ou seja, foi um processo árduo, a mudança desse aspecto estabelecido foi gradual e sendo superado com muita luta.

Foi nos anos 70 que houve maior expansão no acesso da categoria feminina no grau superior, entretanto, a definição pelos cursos se dava pelo que se aproximavam do que consideravam ligado às profissões culturalmente femininas. Mas, afinal, o que seria uma profissão feminina? Nós, mulheres, a cada passo que damos na história, evidenciamos nossas potências para ocupar os diversos cargos, sejam eles de natureza técnica, manual ou intelectual. Contudo, a sociedade estabeleceu “papéis apropriados” a cada gênero, com isso os cursos de engenharia, medicina e direito, ficam em segundo plano em nossas escolhas, pois não somos incentivadas a vislumbrar esses cargos. Dessa forma, Barreto (2014) diz;

Os diversos estereótipos atribuídos aos gêneros moldam, definitivamente, o significado atribuído às ocupações e às carreiras, pois é comum o entendimento de que há carreiras mais afeitas às mulheres e carreiras propriamente masculinas. Como consequência, o gênero também influencia no valor social atribuído às ocupações no mercado de trabalho e atua do mesmo modo na universidade, onde as mulheres, ainda que presentes em número crescente, não se distribuem de modo uniforme pelas diferentes “vocações” (Barreto, 2014, p.12).

Nessa estrutura das provas dos vestibulares, para a entrada nos ambientes acadêmicos da década de 60, com uma ampla concorrência nos cursos mais elitizados, as mulheres que eram formadas nas Escolas Normais, ficavam em posições desiguais em comparação aos homens, tornam-se às áreas das letras e ciências humanas com condicionantes mais favoráveis para a aprovação. Podemos observar em uma tabela, fruto do estudo de Barroso e Mello (1975, p.5), a respeito da matrícula de mulheres.

**Tabela 1- Porcentagem de Mulheres entre os alunos matriculados no início do ano (Ensino Superior – Brasil)**

	1956	1961	1966	1971
Engenharia	2 (8 223)	2 (11 423)	2 (26 595)	3 (39 433)
Agronomia	3 (1 274)	4 (2 165)	5 (4 839)	7 (6 404)
Veterinária	3 (730)	6 (833)	10 (1 991)	13 (2 743)
Ciências Econômicas e Adm. de Empresas	6 (6 354)	7 (10 071)	11 (24 027)	15 (52 218)
Direito	12 (20 607)	15 (23 519)	21 (36 363)	25 (76 906)
Arquitetura	14 (1 629)	16 (1 646)	27 (2 774)	36 (4 591)
Odontologia	17 (4 808)	19 (5 572)	29 (6 794)	35 (8 571)
Medicina	20 (12 650)	12 (10 365)	16 (17 152)	24 (30 990)
Farmácia	34 (1 621)	28 (2 427)	42 (2 619)	50 (4 185)
Física, Química, Matemática e Biologia <sup>a)</sup>	38 (2 852)	38 (3 595)	42 (7 637)	49 (34 310)
Comunicações	38 (461)	44 (517)	52 (1 436)	52 (4 305)
Educação Física	46 (586)	36 (544)	44 (1 140)	44 (8 615)
Letras, Ciências Humanas e Filosofia <sup>b)</sup>	67 (10 555)	69 (17 756)	73 (35 785)	77 (114 975)
Serviço Social	77 (1 194)	83 (1 578)	90 (3 121)	95 (6 352)
Enfermagem	99	99	95	94

Fonte de dados brutos: MEC. Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Sinopse Estatística do Ensino Superior (1956,1961, 1966. 1971).

A concentração maior de mulheres está nos cursos de Letras, Ciências Humanas e Filosofia, Serviço Social e Enfermagem. São cursos que, culturalmente, em especial o serviço social e a enfermagem, tem uma relação de cuidado e, para a concepção da época, que ainda hoje permanece em algumas mentalidades, são profissões ligadas às mulheres, além do professorado.

Nos anos 90, o ingresso das mulheres cresceu, mas, permaneceu a configuração das definições de suas profissões – que tem alterado o cenário lentamente –, mulheres representam maioria em nossa sociedade, mas nos espaços de poder, ainda há uma predominância masculina, sendo que os fatores que impedem a mudança significativa seriam os estigmas,

resquícios de uma história desigual e subordinada, a qual fomos submetidas.

### **1.3 PERMANÊNCIA DAS MULHERES NO ENSINO SUPERIOR**

Refletimos sobre o acesso ao Ensino Superior, mas precisamos também refletir como se dá a permanência de mulheres nesse espaço, que em determinado momento, não foi estruturado para abarcar as nossas presenças, mas com muita luta, adentramos. Vejamos, então, as condições que nos são oportunizadas ou não nesses espaços.

Pensar sobre permanência para nós, mulheres, abrange fatores financeiros, familiares e simbólicos, os quais podem influenciar em continuar os estudos ou drasticamente evadir. Diante disso, torna-se necessário as políticas de permanência para os grupos que foram e são excluídos do espaço acadêmico, terem a oportunidade de serem incluídos, tendo em vista uma reparação histórica das categorias sociais marginalizadas, garantido que possam concluir o Ensino Superior.

Políticas de assistência estudantil, tais como bolsas estudantis, auxílios moradias, auxílio creche e alimentação são fundamentais para darmos a continuidade devida aos estudos, visto que lidar com a demanda de trabalho e estudos, é na maioria das vezes, exaustivo. Ser da classe trabalhadora é reconhecer que permanecer na Universidade é muito desafiador. Outro fator que dificulta as mulheres permanecerem são as responsabilidades familiares, devido a construção histórica de que nós somos as principais responsáveis pela manutenção da casa, afazeres domésticos e cuidado com filhos. Com essa perspectiva, Carloto (2001):

[...] a divisão sexual do trabalho não cria a subordinação e a desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social. Portanto a divisão sexual do trabalho está inserida na divisão sexual da sociedade com uma evidente articulação entre trabalho de produção e reprodução. E a explicação pelo biológico legitima esta articulação. O mundo da casa, o mundo privado é seu lugar por excelência na sociedade e a entrada na esfera pública, seja através do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, será marcada por este conjunto de representações do feminino. (Carloto, 2001, *apud* Brito e Oliveira, 1997, p. 252)

São representações que acabam por reduzir as nossas trajetórias, que impossibilitam galgar outros espaços que podem ser ocupados com excelência, pois são elementos que reforçam as desigualdades existentes e impedem o avanço na realidade posta, reproduzindo assim, diversas violências em nossas variáveis corporeidades, mas que enfrentamos esse árduo

panorama cotidianamente.

No ano de 2003, foi criado o Reuni - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, com o objetivo de expandir o acesso e a permanência de estudantes no Ensino Superior. Um programa imprescindível para mudar o cenário das academias, visto que o acesso se limitava às classes dominantes, as quais dispunham de privilégios em financiar cursos preparatórios para os vestibulares. Brasil (2012) nos informa que:

Entre 2003 e 2010, o número de universidades federais passou de 45 para 59 e os campi de 148 para 274. Além disso, em 2014, foram criadas mais 47 unidades, que totalizaram 321 campi espalhados pelos estados brasileiros. Desse modo, 272 municípios foram contemplados com a instalação das Ifes no intuito de assegurar a expansão, desenvolver as regiões e diminuir as assimetrias (Brasil, 2012).

Após uma intensa participação dos movimentos sociais, ativistas e educadores empenhados na alteração do panorama em que se encontrava as Universidades Federais, buscou a expansão de cursos, indivíduos que outrora foram colocados à margem na sociedade, população negra por meio de políticas como a Lei de Cotas e outras ações afirmativas. Como diz Silvério (2002, p. 91-92), as ações afirmativas conceituam-se como “um conjunto de ações e orientações do governo para proteger minorias e grupos que tenham sido discriminados no passado. [...] as ações afirmativas têm por objetivo fazer realidade o princípio de igual oportunidade. E [...] prevenir a ocorrência de discriminação”.

No sentido da permanência desses grupos na universidade, foi instituído o Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010, que dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, o qual até os dias de hoje está em vigor, embora tenha passado por ameaças no governo Bolsonaro, mas por meio de muitas lutas e reivindicações dos movimentos sociais, ainda está em vigor. Dessa maneira, Vasconcelos (2010, p.11) acrescenta:

A assistência estudantil, enquanto mecanismo de direito social, dos obstáculos e superação dos impedimentos ao bom desempenho acadêmico, permitindo que o estudante desenvolva-se perfeitamente bem durante a graduação e obtenha um bom desempenho curricular, minimizando, dessa forma, o percentual de abandono e de trancamento de matrícula. (Vasconcelos, 2010, p.11)

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia nasce do desejo de moradores do recôncavo, os quais reivindicaram a sua abertura, através da percepção do quão rico seria uma Educação Superior no território. Sua efetivação se deu por conta da expansão das Universidades Federais. Em 29 de julho de 2005, foi sancionada a lei 11.151 que criou a UFRB, contando com

uma estrutura multicampi nas cidades de Cruz das Almas, Amargosa, Cachoeira e Santo Antônio de Jesus. Atualmente, a UFRB funciona em sete cidades, com 40 cursos de graduação. Os cursos de licenciaturas ofertados na UFRB de Amargosa-Bahia contemplam o público de discentes oriundos da classe trabalhadora, tem a composição majoritária por mulheres, as quais são diversas, mulheres pretas, do campo, trabalhadoras e muitas são mães, especificamente, estão cursando Pedagogia.

Tem ocorrido no Centro de Professores (CFP) algo que me deixa bastante triste, o fato que me toca profundamente, em que professores/as e colegas têm tratado de forma injusta, criticando as mães que levam seus filhos para sala de aula, algo que ocorre devido à dificuldade de encontrar pessoas para estarem com os filhos no momento da aula. Contudo, as mães têm promovido debates, atos para consolidar suas presenças com seus filhos no espaço. Essa luta vivenciada pelas mulheres enquanto mães na atualidade, entende-se como reivindicação do direito historicamente negado, como relatam Pereira; Favaro, (2017):

No Brasil as mulheres iniciaram o acesso ao ensino superior no final do século XIX, precisamente em 1880, mas somente na década de 1960, houve, de fato, maiores oportunidades ao ingresso no ensino superior, entretanto “ainda havia um forte receio pela sua emancipação ou pelo que sua exposição pública poderia provocar” (Pereira; Favaro, 2017, p. 5540)

Com essa perspectiva, as mulheres foram vistas no âmbito da história, como recatada, dona do lar, vivendo só para o seu marido e cuidando de filhos. Concordando com Lopes Louro (1997, p. 17), essa invisibilidade produzida a partir de múltiplos discursos, que caracterizam a esfera do privado, o mundo como o “verdadeiro” universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas figuras femininas.

Mesmo com todo esse avanço conquistado pelas mulheres, essa temática é pertinente ser pesquisada na academia, pois essas mulheres mães estão imersas nos cursos que a universidade disponibiliza e essas mesmas mulheres têm filhos que dependem dos seus cuidados, bem como elas reagem a toda demanda da vida acadêmica e de trabalho, paralelamente ao cotidiano de suas vivências em uma sociedade machista e patriarcal.

O Centro de Professores dispõe de uma brinquedoteca e um laboratório para discentes do curso de Pedagogia, os quais podem ser espaços para mães contarem com um auxílio pedagógico e podendo se concentrar com mais afinco nas aulas. Entretanto, esse local está desativado há alguns anos.

A condição que se coloca para muitas mulheres é de encontrar estratégias para sobreviver em meio aos estudos, diante das múltiplas jornadas, sejam elas no mercado de

trabalho para obtenção de recursos financeiros; familiar, na limpeza, tarefas domésticas, cuidado com os filhos; estudos, participar de aulas, produzir pesquisas, estar em atividades de extensão.

A complexidade das múltiplas atribuições diárias vivenciadas por essas mulheres, em combinação com a situação de vulnerabilidade econômica presente no cotidiano de suas famílias, acaba por provocar circunstâncias atuantes desfavoráveis, algumas delas servindo como categoria de retardamento (ou até de impedimento) ao sucesso escolar na universidade. (Ávila; Portes, 2012, p. 827)

Esse trecho se origina de uma pesquisa com mulheres de camadas populares que frequentam cursos noturnos em uma universidade pública. Percebe-se o quão danoso e preocupante é lidar com diversas demandas, podendo acarretar em uma demora para concluir o curso ou até evasão nas Universidades.

Lidar com a tríplice jornada de trabalho – estudos – vida familiar é uma tarefa desafiadora e ainda ter que caminhar, pedir caronas, andar de ônibus, fazer viagens para conquistar o diploma tão sonhado ou até retornar para o conforto do seu lar, que muitas vezes acaba não sendo confortável pelos diversos afazeres que lá se encontram; conciliar tantas demandas que dependem de delimitar tempo para dar conta, causa uma exaustão que é um dos fatores que levam à desistência.

## II. PERCURSO METODOLÓGICO

### 2.1 Pesquisa qualitativa

*De um modo geral, pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semi-estruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado*  
(Duarte, 2004, p.3)

A pesquisa qualitativa é um tipo de investigação que busca compreender fenômenos sociais, culturais e humanos em sua complexidade e subjetividade. Ela não se baseia em números ou estatísticas, mas em dados verbais, visuais ou simbólicos, coletados por meio de técnicas como entrevistas, observações, análise documental, entre outras.

A pesquisa qualitativa valoriza as perspectivas dos participantes, suas experiências, sentimentos e significados. Nesse sentido, Minayo (2001) diz que a pesquisa qualitativa

responde algo muito particular da pessoa e que não pode ser quantificado. Ela também considera o contexto e as condições em que o fenômeno ocorre, sem tentar generalizar ou padronizar os resultados.

A pesquisa qualitativa é adequada para explorar temas pouco conhecidos, compreender processos dinâmicos e complexos, ou analisar aspectos subjetivos e intersubjetivos da realidade. Chizzotti (2003) afirma que “a pesquisa acadêmica com abordagem qualitativa é realizada quando se tem como objetivo de estudo compreender o porquê de determinados acontecimentos, fatos, fenômenos, comportamentos ou tendências”. Nesse sentido está pesquisa será realizada com duas mulheres, mães e migrantes do noturno e com 46 estudantes mulheres do curso de Pedagogia.

## ***2.2 Instrumentos de produção de informações***

A pesquisa foi realizada, considerando modelos científicos, campo empírico, sujeitos colaboradores, instrumentos de coleta de dados e a perspectiva de análise adotada. Como afirma Deslandes (2011),

A pesquisa científica busca ultrapassar o senso comum (que por si e uma construção da realidade) através do método científico permite que a realidade social seja reconstruída enquanto objeto do conhecimento, através de um processo de categorização (possuidor de características específicas) que une dialeticamente o teórico e o empírico. (Deslandes, 2011, p.34).

Dessa maneira, a abordagem usada foi a pesquisa de natureza qualitativa, que segundo Minayo (2011) permite uma maior interação entre os sujeitos (pesquisador e pesquisado); com caráter exploratório, dando possibilidade de uma busca mais detalhada para a comprovação do objeto pesquisado. Sendo assim, a pesquisa será efetivada na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, Centro de Formação de Professores – CFP, no município de Amargosa-Bahia e terá a coleta de dados, através da entrevista semiestruturada, com duas mulheres mães e migrantes, assim como também se dará por meio do questionário disponibilizado via *google forms*, com 46 mulheres do curso de Pedagogia.

Para a entrevista semiestruturada, foi disponibilizado para as duas colaboradoras do curso de Pedagogia noturno, um questionário de perguntas abertas previamente elaboradas, em que a pesquisadora organizou um conjunto de questões sobre o tema que foi estudado, utilizou-se a história oral que oportunizou as vivências dos indivíduos em torno dessa pesquisa. A história oral foi legitimada através de conquistas dos movimentos sociais em busca de dar voz

aos grupos silenciados, nesse sentido, vale ressaltar a importância dos movimentos sociais na disputa pela conquista da fonte oral. Os autores Sarat; Santos (2010) retratam que:

A História Oral nasce e se fortalece, a princípio, como uma possibilidade de dar voz àqueles e àquelas que haviam sido silenciados pela História factual e oficial. Cresce com um caráter político e militante e passa a ser feita por pessoas e por áreas que estavam fora dos muros da academia, como sindicalistas, feministas, educadores, ativistas políticos, entre outros. Entretanto foi somente a partir da terceira geração, na década de 70, que se organizaram encontros internacionais e a discussão se tornou mais consistente, envolvendo países como a Inglaterra, França, Espanha, países da América Latina e o Brasil (Sarat; Santos, 2010, p.50).

A escolha da pesquisa se configurou dessa forma, antes de iniciar as entrevistas com as mulheres mães e migrantes do curso de Pedagogia, foi reservado um momento de diálogo via WhatsApp, no formato individual com as duas colaboradoras, buscando construir uma relação próxima e explicitando a finalidade da pesquisa, disponibilizando o termo de consentimento, tendo comprometimento com a ética do estudo. Junto com termo de consentimento, apresentou-se o questionário da pesquisa previamente elaborado com perguntas abertas, visando a liberdade de expressão das entrevistadas. Para conseguir fazer as entrevistas com duas colaboradoras, foi complicado por conta das múltiplas funções exercidas por elas. Com uma das colaboradoras, o encontro foi possível ser feito no formato presencial, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Centro de Formação de Professores, no dia 20 de abril de 2023, na sala 114, pois a colaboradora tinha aula no mesmo dia. Para a outra colaboradora, não foi possível ter o encontro presencial, recorremos então pelo meio on-line, na sala do *google meet*, no dia 02 de maio de 2023. Para sistematizar as falas das entrevistadas, foi utilizado um aparelho celular para gravar as narrativas delas, desse modo, garantimos na íntegra captar as narrativas das mulheres, mães e migrantes do curso de Pedagogia, da UFRB-CFP.

Além da entrevista semiestruturada, realizada com duas estudantes, conforme roteiro em anexo, fizemos a pesquisa através do questionário via *google forms*<sup>1</sup>, em que optou-se por este meio de questionário on-line pela “possibilidade de acesso em qualquer local e horário; agilidade na coleta de dados e análise dos resultados, pois quando respondido as respostas aparecem imediatamente; facilidade de uso entre outros benefícios” (Mota, 2019, p. 373).

Os formulários on-line gerados pelo *google forms*, foram elaborados conforme o roteiro de pesquisa e organizado através do problema e dos objetivos da pesquisa para

---

<sup>1</sup> <https://forms.gle/yaTAHz873BzZRHQa8>.

investigação. O questionário foi disponibilizado para todas as estudantes do sexo feminino, matriculadas no curso de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Centro de Formação de Professores.

Dessa maneira, o link foi enviado via redes sociais e através de e-mails enviados pela coordenadora do curso, solicitando que apenas estudantes do sexo feminino respondessem. O link ficou disponibilizado no dia 14 de abril de 2023, com recebimento de respostas até 31 de abril de 2023. Até esta data, foram recebidos 46 questionários devidamente preenchidos. Os dados gerados através dos questionários, foram organizados e analisados e serão socializados posteriormente.

### III. ANÁLISE DE DADOS

#### Perfil/ Significado De Ser Mulher:

*Meu nome é Izabel de Jesus Santos<sup>2</sup>, tenho 28 anos, sou preta, sou filha de mãe e pai analfabetos agricultor e empregada doméstica, tenho um filho de 7 anos, o nome dele é Jefferson sou solteira, estudante, trabalho como auxiliar de creche, nasci e moro na cidade de Mutuípe. (Izabel, Entrevista, 2023)*

*Sou Pricila Santana da Costa, tenho 37 anos, nasci em Salvador, “sou negra de cor parda” e tenho um filho Pedro Henrique de um ano e sete meses, estou há dois anos convivendo com meu marido, mas não é de registro, moro em Mutuípe desde 2010, sou assistente social, sou filha única e meus pais também residem em Salvador na cidade que eu nasci. (Pricila, Entrevista, 2023)*

Para o início da entrevista, foi feita algumas perguntas para que fosse possível identificar os perfis das entrevistadas. Nas falas iniciais das colaboradoras, podemos notar características importantes para que possamos fazer uma análise dos seus respectivos perfis. Ambas têm filhos, são estudantes e trabalhadoras. Izabel (2023) é oriunda da cidade de Mutuípe-Ba; Pricila (2023) é oriunda da cidade de Salvador e a mais de duas décadas mora na cidade de Mutuípe-Ba. Referente a faixa etária, Izabel (2023) tem menos de trinta anos e Pricila (2023) tem mais de trinta anos. Izabel (2023) é mãe solteira e Pricila (2023) mantém um relacionamento com o pai de seu filho. A entrevistada Izabel (2023), ao falar sobre raça, se

---

<sup>2</sup> Nesta pesquisa, optou-se por utilizar nomes reais das colaboradoras, conforme autorizado em carta de cessão presente nos anexos deste trabalho.

identifica como “sou preta”, justificando ao olhar a tonalidade da sua pele. Pricila (2023) se identifica como “sou negra de cor parda”, tendo em vista essa pré-análise, relacionando as falas de ambas colaboradoras, percebe-se que a cor é algo legitimado nas suas falas iniciais, mesmo Pricila (2023) carregando um tom de pele negra clara. Dessa maneira, em urgência de se auto reconhecerem, em dimensão de suas classes e estarem imersas cursando na Universidade a Andifes de 2018 na terceira edição da Pesquisa de Perfil que ocorreu em 2010, {...} que havia aumentado a presença de estudantes pretos, de 5,9% para 8,7%, e de pardos, de 28,3 para 32,1%, dado que refletia a institucionalização das políticas de ação afirmativas e do REUNI, não obstante o percentual de negros ainda fosse inferior (40,8%) aos 50,7% apurados pelo Censo 2010 do IBGE. E, a partir dessa imersão na Universidade e os seus lugares de falas, as colaboradoras relatam sobre o autoreconhecimento, sobretudo nesse momento contemporâneo, o significado de ser mulher. Vejam as narrativas das entrevistadas:

*No contexto social onde vivemos cada dia está mais difícil ser mulher, Por causa dos preconceitos, da falta de oportunidade, desvalorização do trabalho, da renda e tudo isso cada dia vem sendo mais difícil viver numa sociedade onde o preconceito a falta de oportunidade cada dia reina mais. (Izabel, Entrevista, 2023)*

*E assim a mulher que vai fortalecer a ocupação de mais um espaço a gente começa a ocupar mais espaço que antes não era permitido para nós enquanto mulher. Então essa mulher vai sair de casa ela vai começar a se tornar a provedora do lar, ela vai buscar qualificação seja através do trabalho através do estudo ela é uma mulher que vai começar ter liberdade sexual e vai dizer como ela quer transar e a hora que ela quer transar, ela vai desconstruindo mesmo essa cultura machista que está impregnada ainda, eu não vejo que estamos perto de romper com essa Cultura, a mulher ocupa junto com os que já são imposta a ela que é: dona de casa, mãe, aquela que cuida da parte das atividades doméstica e cuida do marido. É a mulher do tempo antigo com a mulher do tempo de hoje a nova mulher contemporânea essa é a parte que a gente continua sendo explorada, é a parte que a gente ouve que queremos direitos iguais só que a gente queria e a gente quer e a gente luta por direitos mas a gente também quer equilíbrio a gente também quer divisão de tarefas então nessa parte que a mulher dá contemporaneidade Apesar de todos os avanços ela ainda luta ela ainda enfrenta esse machismo e muitas vezes ela é chamada de guerreira por dar conta de tudo sendo que nós não somos guerreira nós somos exploradas. Essa é a mulher da contemporaneidade. (Pricila, Entrevista, 2023)*

As narrativas das entrevistadas sobre ser mulher, nesse momento contemporâneo, denunciam apontamentos diversificados de pertença do lugar de fala que enobrece a pesquisa. A entrevistada Izabel (2023), narra os apontamentos de ser mulher neste momento contemporâneo que é atravessado por dificuldades, preconceitos e a desvalorização da mão de obra, salários baixos e poucas oportunidades. A entrevistada Pricila (2023) narra a luta sobre

os avanços das mulheres na sociedade e os resquícios das múltiplas funções machistas do tempo antigo, que são atribuídas às mulheres da contemporaneidade, sem divisão das tarefas. Ambas destacam as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, a partir de seu lugar de pertencimento e visão de mundo.

Nesse cenário, a mulher, que tanto lutou e ainda luta pela igualdade de direitos, se vê na condição de trabalhadora explorada em sua força de trabalho e ainda é a principal responsável pelas atividades domésticas e de cuidado com os integrantes da família. Apesar da sua participação na dinâmica societária e de todas as atividades desenvolvidas pelas mulheres, a condição desigual da divisão sexual do trabalho permeia as relações entre homens e mulheres na sociedade brasileira. (Pereira; Nunes, 2018, p.4)

Nesse sentido, Pereira e Nunes (2018), vão dizer que a mulher luta e permanece lutando por direitos negados historicamente; que emergem nos dias atuais com condição desigual de trabalho entre homens e mulheres, mesmo no avanço participativo da mulher na sociedade. Neste seguimento, perguntamos às colaboradoras da pesquisa sobre a escolha do curso de Pedagogia, vejam as narrativas:

#### *A escolha pelo curso de Pedagogia,*

*Logo no início eu fiz o Enem por fazer, pela nota eu escolhi Pedagogia como também a nota não seria muito alta e me fez escolher o curso, porque o curso é voltado para mulheres e até na sala de aula a quantidade maior eram mulheres, e vimos que nas escolas a maioria dos professores da educação infantil são Pedagogas são mulheres, então isso tudo me fez querer ir para a área da Pedagogia. No primeiro estágio comecei me vendo na Pedagogia e que seria sim a área que eu queria atuar, a área que eu queria para o meu futuro. (Izabel, Entrevista, 2023).*

*Pedagogia ela foi uma escolha inicialmente foi mais para uma busca de conhecimento que eu fiz durante a noite porque estava com as noites ociosa primeiro eu nem escolhi a Pedagogia, primeiro escolher a cidade na qual eu buscava o curso, a distância da proximidade que é 24,5 km foi o que me motivou a escolher o curso e diante da disciplina que é oferecida eu gostei do curso de Pedagogia não fui com esse olhar de Pedagogia da mulher porém eu descobri isso na faculdade que isso interferiu na minha escolha de uma forma indireta é uma forma involuntária a Pedagogia traz essa questão do cuidado, do educar, uma maternidade que existe dentro da Pedagogia então indiretamente eu pensei que eu fui influenciada por essa cultura de que é a Pedagogia é um curso voltado para o sexo feminino e é uma luta que vem desconstruindo. Foi o motivo da escolha, assim o fato de ser em Amargosa inicialmente foi um dos motivos para fazer Pedagogia. (Pricila, Entrevista, 2023).*

Para a entrevistada Izabel (2023), a escolha do curso se deu, inicialmente, pela nota do Enem, mas ao longo do processo de estudos no curso de Pedagogia, entendeu que a Pedagogia é o lugar dela e a área que ela quer futuramente. Para a entrevistada Pricila (2023), a escolha do curso foi para preencher o tempo ocioso no seu dia e de início não escolheu a Pedagogia, mas sim a cidade para cursar o nível superior e os componentes ofertados pelo curso lhe agradou, mas ao longo dos semestres foi influenciada que a Pedagogia é voltada para o sexo feminino, do cuidado, da maternidade e que vem se desconstruindo quanto a isso. Ambas entrevistadas trazem em suas falas pontos incomuns, como diz Libâneo (2001) sobre a tradição da história da Pedagogia no Brasil, no início da década de 30, influenciado pelos “pioneiros da educação nova”, que educação e ensino dizem respeito a crianças, inclusive porque “peda”, do termo pedagogia, é do grego “paidós”, que significa crianças e sobre essa narrativa o autor apresenta os diversos âmbitos que a Pedagogia se instaura como campo de conhecimento.

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais. Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. [...] uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola. De modo que não podemos reduzir ensino e nem a Pedagogia aos métodos de ensino. Por conseqüência, se há uma diversidade de práticas educativas, há também várias pedagogias: a pedagogia familiar, a pedagogia sindical, a pedagogia dos meios de comunicação etc., além, é claro, da pedagogia escolar. (Libâneo, 2001, p.6)

#### *Deslocamento diário,*

*Todos os dias eu faço deslocamento durante 5 anos, no início fazia deslocamento todos os dias e com passar do tempo a quantidade de disciplinas que eram ofertadas pelo o turno da manhã foram diminuindo. Com o passar do tempo depois de mais 5 anos tirando o tempo da Pandemia estudando pela manhã estou fazendo á noite e estou vindo duas vezes na semana. A travessia, a dificuldade é muito grande que eu enfrento a cada dia, já vi cada cenas no caminho, acidentes até o carro que eu faço o deslocamento também já foi vítima de acidente, não deixo de emocionar porque assim como foram com os outros poderia ser eu. É nesse momento que penso será que tudo isso vale a pena? Será que no futuro vai valer apenas todo esse sacrifício que faço agora? Ou estudo porque tem o concurso público que é difícil ter. Muitos se formam quando vai atrás de oportunidade é difícil encontrar. Para para pensar se realmente essa travessia, esse sacrifício vale apenas todos os dias? (Izabel, Entrevista, 2023)*

*Eu moro em Mutuípe eu preciso de transporte para chegar em Amargosa aqui a gente encontra com transporte em que a prefeitura paga uma porcentagem com a quantidade do valor só que é corrido eu saio do trabalho às 17:00 e aí eu preciso estar pronta 18:20 que é o horário que esse transporte sai aqui então tem 1:20 para sair do trabalho vou em casa adiantar algumas coisas de Pedro Henrique que é meu bebê, tomar um banho, comer alguma coisa e correr para o ponto, para assistir as aulas retornar quando a gente fala no retorno eu cheguei em casa às 11 horas eu chego em casa às 11:15 da noite 11:30 então assim a questão do transporte deslocamento é extremamente puxada principalmente porque a gente vem do dia inteiro de trabalho o dia que eu não vou trabalhar no centro no Creas que é onde eu trabalho eu tenho um trabalho de dedicação então é nessa correria para 18:20 está no ponto quando eu retorno cansada e volto para casa. (Pricila, Entrevista, 2023)*

*Sobre o deslocamento também as dificuldades né, financeiras porque mesmo a prefeitura pagando uma quantidade mínima das mínimas, tudo isso interfere porque nem sempre temos condições de estar pagando a cada início de mês, a dificuldade maior ainda porque vivo em sociedade onde sabemos que o preconceito é bem maior, quando somos mães Universitária, mãe solo se torna bem pior, porque mora de aluguel, pagar despesas, filho pequeno e as despesas do carro, isso tudo é complicado então assim deixamos as vezes de comprar algumas coisas tanto para nós como para nossos filhos para está pagando o carro, uma coisa que poderia ter transporte de graça, em alguns municípios fornecem o transporte, mas infelizmente a cidade que eu moro não, então é muito complicado. Muitos colegas que eu conheço já desistiram porque realmente viver na sociedade onde vivemos e mãe solo independente, pagar transporte é muito difícil tem os custos universitários, nem todos conseguem o auxílio as bolsas permanências e quando não consegue é pior ainda porque você paga aluguel, ou você se mantém, ou você paga transporte, tudo isso interfere na formação. (Izabel, Entrevista, 2023)*

*O custo financeiro em todos os semestre agora estou no curso final mas eu peguei disciplina que era de manhã e aí para ir pela manhã eu já tenho que modificar minha rotina e já tenho que fazer trocas no horário de trabalho e tenho que retornar meio-dia para trabalhar à tarde e eu tenho que retornar à noite para faculdade então essa questão dos horários que nem sempre serve. Segue uma rotina nem todo o curso da gente foi noturno então isso atrapalha isso tudo dificulta a gente fica nessa persistência nessa luta, sem falar que se eu for em um determinado horário que eu não consigo transporte para o município eu tenho que contar com o serviço de táxi entre Amargosa e Mutuípe, então às vezes se eu estiver liberada 3 horas da tarde para conseguir ir 6 horas da noite porque às vezes as três eu estava correndo atrás de um carro particular quando tem dinheiro para pagar, porque hoje o transporte que vai e volta custeado uma parte pela prefeitura fica 24 reais e o táxi esse valor vai para 48 reais é o dobro e para ir duas vezes na semana se não for no carro da prefeitura, fica um transporte caríssimo, fico contando na ponta do lápis que é o dobro. Me lembra quantas vezes eu me vi naquele ponto naquela escola ali na entrada da Catiara para aventurar uma carona ou então sair do bolso fica esperando o horário. Eu costumava me dizer que eu estava pagando o preço para ir para casa, um dia eu sair para encontrar, tentar achar uma carona lá no Frigolac e agente acaba conhecendo Amargosa pelos pontos que a gente para e esperar, já somos vistas como umas caroneiras. Ultimamente tenho refletido muito que a pandemia foi um divisor de água a gente teve um CFP bem antes da pandemia e a gente está*

*vivendo outra CFP com os professores que compreendem mais da história de vida e professora que não querem saber. Eu iniciei na faculdade e ainda não existia maternidade, durante a pandemia eu engravidado com o bebê nos braços, precisei levar Pedro para a aula e eu vi o olhar de alguns colegas, graças a Deus não tive nenhum professor que rejeitou minha presença com Pedro, mas assim você percebe que muda a rotina da aula porque é uma criança, um bebê e isso desvia o foco da aula e eu compreendo todas essas coisas, como vai acontecer eu ainda tenho mais um semestre para frequentar o UFRB e a gente está o tempo todo falando desse deslocamento. O deslocamento já é puxado com a criança no colo ele se torna mais puxado ainda, então eu vou dentro de uma Topic com mais de 14 a 15 pessoas, eu mudo toda rotina no retorno eu mexo no horário eu acabo que tenho que ser entregue primeiro se meu esposo não puder me pegar. Já estou a uma hora e meia isso tudo estou fazendo com uma criança no colo e a gente para para analisar é uma criança que precisa que a gente reduza nossas coisas para levar o dela. (Pricila, Entrevista, 2023)*

Existem pontos que unem as duas colaboradoras: elas residem na mesma cidade, tem dificuldade em pagar os custos do transporte e contam com a ajuda mínima da prefeitura para complementar o valor da passagem. A colaboradora Izabel (2023) tem cinco anos fazendo deslocamentos diários com muita dificuldade para pagar o transporte da cidade de Mutuípe a Amargosa com o objetivo de frequentar as aulas, mesmo com a quantia mínima disponibilizada pela prefeitura não é suficiente para pagar o valor total da passagem e ela precisa completar. Além dos custos com o transporte, Izabel (2023) enfrenta os perigos de acidentes nesses deslocamentos diários. A fala de Izabel (2023) é carregada das marcas do racismo e do patriarcado estruturado na sociedade e que rebeberam na sociedade a todo instante. Nesse segmento, ela se questiona se os emaranhados de aspectos condicionados todos os dias a ela, vai valer a pena.

A colaboradora Pricila (2023) narra sobre os esforços para ir às aulas, dos custos financeiros, das dificuldades para participar dos estágios e componentes ofertados no turno diurno, por trabalhar durante o dia. Ela traça em sua narrativa a dificuldade de se deslocar para ir às aulas na Universidade com o um filho no colo, com a sacola do bebê. Desse modo, a presença dela com o filho no transporte muda toda a rotina do trajeto do transporte para deixar ela em casa primeiro. Pricila (2023), no enfrentamento das múltiplas jornadas com deslocamento, reflete sobre olhar sensível dos seus professores, referente a sua maternagem e faz analogia de um CFP antes da pandemia e outro CFP pós pandemia. E, refletindo sobre as narrativas de Izabel e Pricila (2023), Tenório; Reis (2005) nos diz;

[...] cabe a discussão sobre o acesso, incluindo aí as escolhas pelo tipo de curso, mas também as condições materiais para o estudo, quais sejam transporte, alimentação e aquisição de textos e livros (permanência material),

bem como as condições de inserção ou de sobrevivência no sistema de ensino, que aqui denominamos permanência simbólica (Tenório; Reis, 2005, p. 08).

Essa temática é pertinente de ser discutida, pois precisamos saber como acontece o processo da permanência de estudantes da classe trabalhadora no espaço universitário, de modo que a inserção dos sujeitos das classes populares, em especial mulheres mães, cursando na universidade pública é um avanço, mas é preciso a garantia de mecanismos de permanência para que os alunos permaneçam estudando, Tenório e Reis (2005) afirmam: “É necessária à criação de estratégias promocionais capazes de estimular a inserção e inclusão de grupos socialmente vulneráveis nos espaços sociais” (Tenório; Reis, 2005, p. 03). Pois, essas mães precisam se deslocar diariamente para irem a Universidade e, nessa perspectiva de deslocamento diário das colaboradoras da pesquisa, daremos continuidade a pesquisa perguntando-lhes sobre:

#### *Trajetória na Universidade.*

*Adentrei em 2017, no semestre 2017.2 em outubro, tinha mais de 10 anos quetinha terminado o ensino médio, pra mim foi muito difícil porque percebi que tudo que fiz no ensino médio na Universidade era bem diferente. As dificuldades no primeiro semestre foram muito grandes sobre: resumos, fichamentos, sínteses e tudo isso. Percebi que o que eu estudei no ensino médio nada valeu para a Universidade, era um momento de aprender tudo novamente de uma forma totalmente diferente, então a dificuldade foi muito grande, a vontade de desistir maior ainda e com a falta de disciplina para me ajudar, mas a partir do Segundo semestre foi ficando melhor, um pouco mais fácil. Tive amigos que me ajudaram e uma amiga (Daniele) foi quem pude contar do primeiro ao último semestre praticamente. Tive algumas disciplinas que não foram muito boas, outras que foram muito boas, disciplinas que eu podia falar, tirar dúvidas e outras que me oprimia não conseguia falar, não conseguia tirar minhas dúvidas. Nesses momentos eu comecei melhorando a escrita, mas pelo caminho fui perdendo pessoas que pra mim era exemplo de vida e ficou muito difícil continuar cada dia pensando em desistir e no meio do caminho teve a pandemia, a ansiedade, problemas pessoais, tudo interferindo no aprendizado na vida pessoal em tudo. Tive problemas financeiros, problemas que pensei realmente em desistir de cursar o ensino superior, pessoas me incentivaram a continuar, mesmo vendo que meu processo estava regredindo, pensei que seria bem mais fácil ficando mais difícil. Teve o Ensino remoto não pude acompanhar muito, semestre que eu pegava 5, 6 disciplinas comecei pegar 2 e com isso o atraso, a cobrança por muitos estarem se formando e eu ainda atrasada em algumas disciplinas, então tudo acarretou em vários problemas e não me deixei abalar muito, conseguir melhorar e teve alguns professores que realmente incentivaram continuar e outros que não. Estou para sair da Universidade, mas tenho muitas dificuldades. (Izabel, Entrevista, 2023)*

*Tenho sensação de orgulho de esta chegando ao final, de está conseguindo concluir, mas dizer que foi fácil, não foi principalmente por conta da distância,*

*do cansaço agente esta fazendo um curso no período noturno e assim à noite você já está esgotada de todas as suas atividades do dia, hoje eu tenho uma rotina de acordar 5:40, 6:00 horas da manhã para dar conta de organizar filho, casa, alimentação e vai para creche, 8:00 horas tenho que está no trabalho, e algo que não consigo, tenho que está 8:30 consigo chegar 8:30 é atraso, mas eu consigo chegar 8:30 por conta da correria de tudo que faço antes desse horário e vem o dia inteiro de trabalho correr para casa tomar um banho, comer alguma coisa e sair de Mutuipe para Amargosa, quando você chega em Amargosa você está cansada então é lembrar esse pique de todos esses semestres, mas assim de chegar na aula encontrar professores que compreendem, professorers que são sensível para entender a rotina, principalmente a rotina da gente enquanto mulher, mãe e dona de casa e que muitas vezes não damos conta de ler todos os textos e isso não quer dizer que estamos fazendo pouco, discaso do curso, vontade ler, afundar na leitura eu tenho e muita, mas as vezes o cansaço não deixa. E assim os aprendizados quanto que sou grata, hoje estou na minha segunda graduação e minha segunda graduação está sendo em uma Universidade pública e assim a diferença é notória o quanto que a agente reflete mais o quanto que agente pesquisa mais o quanto agente é motivado escrever é então são desafios, mas também são conquistas em todo esse processo, hoje eu estou conseguindo escrever um TCC com muito, com muito mais facilidade do que o que eu escrevi na outra graduação. (Pricila, Entrevista, 2023)*

Ao expressar sobre a trajetória na Universidade, Izabel (2023) fala da dicotomia entre o ensino médio e o ensino superior, pois tudo o que ela aprendeu no ensino médio não serviu de base para ingressar no ensino superior, que reverberou em um acúmulo de dificuldades durante a sua graduação e, essas dificuldades, a levaram pensar em desistir por diversas vezes. Mas, durante esse processo, ela encontrou pessoas para lhe ajudar, em especial uma amiga que a ajudou desde o primeiro semestre. Durante a graduação, teve componente que ela se sentia bem para falar e outros que ela se sentia oprimida; conseguiu melhorar a escrita e em meio a esse processo atravessado de muitas dificuldades, perdeu um familiar que era sua referência. Veio a pandemia com aulas remotas e ela pegava poucos componentes, pois a ansiedade se instalou junto com problemas pessoais e financeiros, mas conseguiu melhorar com ajuda de alguns professores e está concluindo sua graduação.

A colaboradora Pricila (2023) se orgulha de chegar na reta final do curso e traz à sua memória o quanto foi difícil o processo de cuidar do filho, ser dona de casa, trabalhar como assistente social e fazer o deslocamento diário para ir a Universidade. Mas, em meio às múltiplas jornadas durante a graduação, contou com a postura sensível e compreensiva de professores que culminaram em um bojo de diferença para o seu aprendizado. Desse modo, fica explícito que foram inúmeras as dificuldades enfrentadas pelas colaboradoras desta pesquisa na condição de serem mães, trabalhadoras e estudantes e como essas realidades distintas têm

dificultado a permanência e a qualidade da formação das mulheres. De acordo com Paivandi (2012),

A passagem dos estudantes para universidade e sua evolução nesse espaço devem ser vistas como a realização de uma aprendizagem, de uma afiliação de uma espécie de conversão. Essa passagem implica a familiarização e a prática de novos papéis e a compreensão dos ritos característicos de uma instituição dada. [...] A integração do estudante passa pela aquisição de um saber que permite compreender o funcionamento das regras que regem a vida intelectual, nacional e institucional da universidade. Ele deve “naturalizar” os elementos problemáticos do seu contexto educacional. (Paivandi, 2012, p. 56)

De acordo com Paivandi (2012), o processo de aprendizagem e familiarização de filiação, de aprendizagem e a familiarização com as normas do ambiente são um processo natural e gradual, que vai se desenvolvendo ao longo do percurso estudantil. As interações com os colegas, professores e o ambiente acadêmico, permitem essa “naturalização” da aprendizagem. As experiências que vão sendo adquiridas no ambiente acadêmico vão permitindo que o sujeito atribua sentido a sua trajetória na universidade e fora dela. No sentido da entrada de sujeitos oriundos da classe trabalhadora, como é o caso das estudantes mães, sem tradição familiar universitária e atravessadas pelas múltiplas jornadas diariamente, é um exercício difícil de pertencimento para as estudantes esse processo, vejamos o que narram as mulheres sobre a desistência e dilemas:

#### *Desistências/Dilemas*

*Ser uma mulher em uma sociedade onde o preconceito é muito grande e sendo mãe solo é muito difícil porque as condições de estar se deslocando às vezes não achava ninguém para ficar com o meu filho. Teve tempo que eu fiz acordo com o pai para ficar com ele e ele não quis ficar, então ou deixava de vir para a universidade ou eu trazia o meu filho, entre vim ou não eu sempre vinha com o pensamento se eu estava fazendo a coisa certa, trazendo ele arriscando a vida porque nunca se sabe quando vai acontecer um acidente, isso era muito complicado. Então como se concentrar em uma aula com uma criança de colo como a criança que fica correndo para lá e para cá e não deixava me concentrar na aula. Eu ficava pensando se atrapalhava ou não os colegas se eu realmente ia me desenvolver vindo para a universidade só vindo porque às vezes não tinha nem como assistir à aula porque meu filho ficava correndo para lá e para cá. Tinha professores que não gostavam e colegas que me olhava com a cara fechada então isso tudo interferiu muito. E depois eu consegui uma vaga na creche onde eu colocava ele e pagava alguém para levar para trazer e ficar até a hora que eu chegava em casa. Desse jeito eu conseguir me concentrar melhor ter um bom desenvolvimento. Porque até então se concentrar é muito difícil e vim todos os dias com a criança no colo no carro era complicado por muitas vezes eu já pensei em desistir, só que tinha colegas que sempre me incentivava às vezes até ela ficava com meu filho*

*para eu fazer alguma coisa ou até quando ela me via cansada, porque eu já dormia a noite com filho pequeno e trazia ele para Universidade e ficava para lá e para cá era muito cansativo era muito estressante. Eu pensava assim eu não vou mais, vou trancar esse semestre porque não dá para conciliar filho universidade e vários problemas. (Izabel, Entrevista, 2023)*

*Já pensei em desistir não foi nem uma e nem duas vezes... Uns dos motivos que me fez pensar em desistir foi justamente quando me tornei mãe retornar para a Universidade, deixar ele em casa foi bem complicado e quando eu enfrentei a decisão de não desistir veio toda a carga e tentar conciliar maternidade trabalho enquanto Assistente Social as funções de casa quando você se permite lazer e se permite proporcionar lazer para o filho no final de semana então tudo isso foi algo que mexeu muito comigo. Doe muito adiar semestre foi algo que doe bastante porque tem aquela decisão sensação eu preciso sair logo mas também eu não vou me informar entregando qualquer TCC. Então hoje não me vejo com tempo para produzir eu não tenho tempo para sentar para produzir um TCC porque eu sei quando eu chego em casa e principalmente quando o filho está na idade que o meu está com sete meses você chega no final do dia, chega a noite ele conseguiu dormir 9 horas da noite mas que cabeça eu tenho para sentar a produzir alguma coisa eu tenho que deixar pronto as coisas para o outro dia e assim o produzir não é você apertar ligar e desligar então a gente que é Universitário a gente que se prepara não é sentar e ler por ler vai sentar ler refletir sobre leitura aí depois de um dia puxado de você tentar sentar e o menino chora o menino te puxa da cadeira um menino mexe em você, você respira fundo e fala nossa eu não vou conseguir e assim que eu tenho que fazer essa análise porque não iria conseguir escrever ainda nesse semestre. Até porque eu entendo que isso é uma conquista minha conseguir me forme e o fruto disso vai beneficiar ele, então assim a minha mãe não desisti ela me liga 5:00 da tarde e me pergunta vai para Universidade hoje? Eu chego em casa e olho para ele e também entendo que preciso oferecer algo melhor para ele então essa é a minha escolha de não desistir. (Pricila, Entrevista, 2023)*

Para colaboradora Izabel (2023), o preconceito presente na sociedade sobre ser mulher, mãe em carreira solo, as dificuldades de levar o filho para as aulas na Universidade, olhares negativos de colegas e professores, porque levava o filho para as aulas, atravessada pelo deslocamento diário, são as dificuldades para sua permanência universitária e que, várias vezes, pensou em desistir de estudar. Pricila (2023), do mesmo modo que Izabel (2023) pensou em desistir várias vezes e um dos motivos foi a maternagem, junto com a vida acadêmica e trabalho, que formaram uma carga difícil de conseguir conciliar e, através dessa perspectiva, postergou a apresentação do TCC para um outro semestre, pois nesse semestre não teve condições de fazer leitura e reflexão para produzir a escrita. Dessa maneira, destaca Carneiro *apud* Melo (2020, p. 5-6), que é necessário especial atenção para os desafios da permanência nas universidades, posto que, “olha-se muito para quem sai, mas imagina o que é resistir a tudo isso [impedimentos, dificuldades, violências] e permanecer?” Sobre a indagação do autor, veremos os dilemas narrados pelas colaboradoras:

*No início eu fazia cinco disciplinas pela manhã, PIBID a tarde e noite sempre pegava outra disciplina, até porque eu gostava de estudar e o custo seria menor porque aí eu já aproveitava um dia para fazer três coisas, estudar pela manhã e alguma outra disciplina à noite deixava meu filho com minhas irmãs. A falta de paciência que era só para elas ficarem praticamente no turnos da noite era muito difícil porque elas relatavam que ele chorava e quando eu chegava ele me chamava para brincar às vezes eu estava sem paciência eu ia só por ir mas eu via que não estava me divertindo o quanto ele esperava e sempre ele falava “mãe você só estuda e trabalha não tem tempo para mim” então várias vezes sair para chorar sem ele ver porque às vezes ele me via chorando ele chorava junto sem saber o que era. Ficava muito magoada em está chorando na frente dele. ele perguntava “Mãe você está chorando por causa de mim” e assim eu ficava pensando se realmente tudo isso que eu estava fazendo ia valer a pena tanto para o nosso presente e para o nosso futuro mas tudo que eu fazia era pensando nem só em mimmas pensando nele. Mesmo sabendo que aquilo tudo seria uma fase eu continuava fazendo, saía de casa às 6:40 chegava em casa às 11:30 da noite ia buscar ele e sempre a cobrança “mãe você não brinca comigo você só trabalha estuda não dá atenção para mim” eu achava que o sábado e domingos eram suficientes, mas às vezes eu estava tão cansada do corre, corre da semana das disciplinas que eu realmente não estava dando muita atenção foi quando eu decidi estabelecer o horário para estudar porque até então amanhecia para estudar só que tinha disciplinas que realmente acrescentava um horário bem maior de desempenho e a vontade de desistir era muito grande mas mesmo assim continuei e hoje estou chegando no final só com duas disciplinas. Comecei a trabalhar pelo turno da tarde e à noite quando eu venho eu sempre trago ele já está maior então hoje ele tem aquela autonomia de ficar para lá e para cá não precisa estar mais atrás está saindo das aulas está perdendo aula porque eu já vejo que é hoje com o passar do tempo também já mudou bastante. (Izabel, Entrevista, 2023)*

*São múltiplas funções, hoje estou vivendo talvez a maternidade de forma mais intensa, por conta da maternidade algumas funções estão ficando.... A função de estudante foi a mais atingida aí eu penso também, umas das dificuldades por ser migrantes o estágio que é algo que nos obriga a estar onde a faculdade é localizada, então assim facilitaria se pudesse ser feito aqui em Mutuípe. Hoje eu entendo que algumas pessoas eles não se permitesse deslocamento que eu faço com frequência, mas eles não se permitem talvez por não dar conta do quantitativo de estágio e por conta disso nos obriga a ir para Amargosa quando eu paro para analisar que são duas semanas para estar em Amargosa praticamente o dia todo para mim esse momento é mais complicado depois da minha maternidade, porque o que acontece eu saio de casa para ir trabalhar como Assistente social então eu trabalho num setor público eu saí de casa de manhã e aí vou para a faculdade porque eu preciso dar conta do estágio e retorno à noite quando chega à noite eu tenho um Pedro para dar conta e a mesma coisa no outro dia, a mesma coisa só que nesse trabalho é uma estrada com muitas curvas nem sempre a gente tá ali naquele transporte, ele não vai no silêncio que te permite tirar um sono como se diz tem vários alunos com várias Vibe até porque a gente temeu o fim do semestre e tem uma galera mais jovem que tá entrando. Então os nossos comportamentos nosso olhar e comportamento ele é diferente. Então o que acontece hoje eu digo para você talvez se o estágio fosse assim na minha cidade seria melhor na minha cidade, seria um pouco menos complicado mas são dificuldades que a gente enfrenta aí eu digo que o problema que eu vivo é muito por conta do que defendo e às vezes não exerço que a gente tem que*

*equilibrar a gente tem que dividir as funções. Mas eu também chego do trabalho e vou dar conta da casa vou dar conta de lavar, passar, cozinhar da mesma forma que eu venho para cá discutir fazer todo defesa de direito de equilibrar atividade de dividir eu assumo também esse papel social que me foi dado então isso se torna um dilema para mim. E além disso tudo pela noite eu tenho que sentar para estudar e quantas vezes a gente vai até 2 horas da manhã enfrentando todo o processo do dia para tentar fazer um fichamento no texto que vai nos ajudar para elaborar TCC tudo isso é uma rotina que a gente vai enfrentando a gente enfrenta nossos filhos nossos desafios. E aí eu acho que cada conquista ela tem que ser valorizada, ela tem que ser comemorada, ela tem que ser parabenizada esses dias eu disse a a minha orientadora o quanto eu tinha ficado feliz por ter conseguido sentar e ler dois textos e foram leituras que eu consegui compreender o que o texto queria dizer e eu consegui escrever duas folhas a partir da leitura do texto aí eu pensei. Poxa que bom que massa eu consegui eu posso ter ficado “estagnada” no espaço porque eu estava no discurso da maternidade tinha feito parar de querer estudar, tinha me feito parar porque eu não tava conseguindo produzir eu tava estagnada na vida, eu estavanão sei qual palavra, como se eu tivesse esquecido da Priscila que gostava de ler, que gostava de estudar, ela me corrigiu ela fez mulher você não estava estagnada, você gerou uma vida e você está criando um filho, você quer produção maior do que essa aí, essa frase eu repetir para mim mil vezes eu não fiquei estagnada eu estava gerando a vida e eu estou criando uma vida. (Priscila, Entrevista, 2023)*

As entrevistadas narram que os dilemas são muitos, Izabel (2023) conta sobre a subdivisão diária de estudar pela manhã, à tarde participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID e cursar algum componente no turno da noite, fazendo do tempo o seu maior aliado. Para diminuir o gasto financeiro de se deslocar para ir a Universidade, deixava seu filho com as irmãs para se concentrar nas aulas e participar do PIBID, em contraponto, se derramava em lágrimas por ficar distante de seu filho e todos os dias era cobrada por ele a atenção. Mas, com o passar do tempo, o seu filho foi crescendo e ela conseguiu se concentrar nas aulas. Para a colaboradora Priscila (2023), a maternagem atingiu a sua função de estudante dedicada, adiando a apresentação do TCC porque teve que dedicar o seu tempo para o seu filho que depende de seus cuidados junto com todos os afazeres que lhes são atribuídos diariamente. Priscila (2023), acrescenta sobre as dificuldades enfrentadas que, para o discente migrante, participar dos estágios e dar uma posição a respeito disto, seria melhor se os estágios fossem na sua cidade. Ambas colaboradoras narram sobre as múltiplas funções que elas atravessam todos os dias e que acabam acarretando em cansaço físico, frustração emocional, tendo muitas vezes de postergar a formação ou optar pela desistência por não dar conta de muitas demandas. Nesse sentido, Schmidt (2012) diz:

Vinculada ao papel social de mãe e dona de casa, as condições subalternas de trabalho são aceitas, visto que o trabalho remunerado sempre foi a função “natural” do homem, provedor da casa. Além disso, uma vez que a mulher se

insere na força de trabalho e não rompe com a lógica que a submete na esfera doméstica, ela é reprimida com a dupla jornada de trabalho (Schmidt, 2012, p. 5).

Com com as funções atravessadas pelas colaboradoras, que são os seus dilemas diários, perguntamos sobre quais as estratégias para conciliar as demandas e rede de apoio:

### *Estratégias para conciliar as demandas / Rede de Apoio*

*Para conciliar essa demanda da minha vida pessoal com a acadêmica eu decidi durante esses últimos semestres pegar a quantidade menor de disciplinas para poder também está passando um tempo a mais com ele e não ter tanta cobrança. No turno da manhã eu fico com ele a tarde eu trabalho e ele estuda e a noite sempre estamos juntos, vinemos para a Universidade é sempre lutando por dois motivos não ter que com quem ele ficar, por ser um momento em que a gente pode estar mais junto, está mais grudado e ele não sentir tanta falta de mim a ausência materna. (Izabel, Entrevista, 2023)*

*Nem sempre dão certo, mas é aproveitar o pouco que tem, Tem um dia que eu não trabalho então nesse dia eu tento correr para agilizar o que eu posso e deixar a comida congelada para Pedro. No dia que a gente não consegue essa produção de um dia para você organizar a vida, você percebe que bagunça a semana toda é aquela alimentação que não ficou legal do jeito que você pensava, e eu procuro não me culpar por isso, porque eu fiz no tempo que deu, aquele dia que você tira para lavar roupa, aquele dia que você tira para tentar organizar se der você cuida de vocês se não der, você deixa para a próxima semana. “Quantas vezes a gente se deixa pra próxima semana” eu tenho vivido isso eu tenho sempre me deixado para a próxima semana mas tenho consciência de que eu preciso resgatar mas eu vou levando vou indo, a maternidade junto com faculdade, com as atividades enquanto dona de casa, enquanto Assistente social, me bagunça, mas a bagunça que eu tenho consciência de que eu preciso reorganizar o tempo inteiro eu não posso permitir, assim eu tenho buscado hoje em dia, eu tenho um dia para me organizar eu vou tentar me organizar assim se eu não conseguir eu não vou me culpar eu sei que eu vou dar conta depois. Quanto a vida acadêmica eu estou precisando fazer o resgate como eu estava dizendo eu ainda estou precisando sentar, estou precisando produzir para que eu posso viver esse momento que você está tendo comigo, e chegar nesses últimos minutinhos de desespero de conseguir transcrever ou não o o áudio de uma entrevistada, mas são estratégias do dia a dia é você aproveitar um pouco o tempo para tentar organizar para que a semana não fica tão atolada de coisa. (Pricila, Entrevista, 2023)*

Diante das narrativas das colaboradoras, percebemos como elas se desdobram para dar conta de tantas demandas e, até os dias de folga são utilizados para cumprir demandas para não atolar a semana de coisas. Izabel (2023) usa a estratégia de pegar poucos componentes para cursar nesses últimos semestres, para deixar um tempo livre no intuito de dar atenção ao seu filho e não ter cobrança; ela fica com ele pela manhã, a tarde trabalha, seu filho estuda a tarde e à noite os dois vão juntos para Universidade. Pricila (2023) traça uma narrativa de consciência

que precisa ser mudada e precisa organizar o seu tempo para dar conta das múltiplas demandas, tais como: a escrita do TCC e inclusive de não se “deixar para próxima semana”. Avila e Portes (2012, p.8) dizem “Todas as mulheres percebem que essa tríplice jornada lhes impõe limitações que as impedem de ter uma imersão total em todos os segmentos de trabalho. Elas têm consciência de que não darão conta de tudo”. Nessa perspectiva, é preciso que a Universidade amplie as políticas públicas de assistência estudantil para tentar sanar parte dos enfrentamentos dessas mulheres e, garantindo assim, não só o acesso, mas a permanência. Em meio às estratégias utilizadas e consciente de precisa organizar o tempo das múltiplas jornadas, essas mulheres mães narram sobre suas redes de apoio:

*Como auxílio nessa jornadas pedagógica eu pude ter alguns auxílios outros não, posso dar como exemplo a minha avó que sempre foi exemplo que eu sempre falava na sala, quando se falava de mulher, de mãe solo de uma mulher negra, então assim ela sempre falou que não teve estudo, mas tentou dar o estudo para os filhos, mesmo com a realidade que ela vivia não pode dar o fruto o estudo que sempre sonhou. Ela me incentivava falava para eu seguir uma profissão que eu queria e me sentisse à vontade. Quando eu contei que foi aprovada no curso de Pedagogia na universidade ela ficou muito feliz por ser também a primeira pessoa da família adentrar a universidade, nisso sempre tive um incentivo dela durante muito tempo e infelizmente é uma pessoa que não está mais comigo, com um ano e meio cursando a Universidade perdi essa pessoa muito marcante na minha vida. Quando penso em desistir da vida acadêmica me lembro que ela queria me vê avançando para minha profissão hoje. Teve outra pessoas também Daniele uma colega para além de colega se tornou amiga onde me ajudou bastante me ajuda até hoje uma pessoa onde eu posso confiar, uma pessoa onde eu posso desabafar dizer as minhas dificuldades, uma pessoa que deixou tudo para me ajudar e é recíproco nossa atenção pela outra, foi a primeira pessoa que eu encontrei na Universidade, eu posso confiar, desabafar, dizer as minhas dificuldades, a nossa amizade continua muito forte. (Izabel, Entrevista, 2023)*

*Eu sempre costumo falar que “uma mulher sempre ampara outra mulher”, sempre vai ter uma mulher para dar a mão, eu tenho essa pessoa que é minha, minha mãe ela é a pessoa que me liga para lembrar do calendário de tudo, ela me liga para lembrar se eu estou pronta se eu estou nervosa ela pensa em me acalmar, ela sempre me lembra que eu entrei na faculdade porque eu sabia que ia ser difícil mas que eu iria dar conta, então assim ela tem sido essa pessoa, quando eu engravidei, gestante durante a pandemia as aulas remotas me ajudaram muito. Quando Pedro nasceu e eu tinha que voltar para a aula, eu lembro que ela falou comigo, você não saia da faculdade nem que eu vá, nem que eu fique com ele e eu vou com você, ela repetia o tempo todo. Todo o dia ela repete. Hoje mesmo ela me ligou, eu vinha subindo para casa falando com ela...você não vai para faculdade hoje não? Eu respondi...Hoje é terça ...É mesmo eu não tinha lembrado esqueci, porque ela sabe que tenho aula na segunda e na sexta, que às vezes pela correria e eu esqueço então eu tenho contato muito com essa motivação diária dela. (Pricila, Entrevista, 2023)*

Dando seguimento a pergunta sobre uma rede de apoio, as duas colaboradoras da pesquisa contaram com uma rede de apoio formada por mulheres. Izabel (2023) contou com o incentivo da sua avó, mulher negra e mãe solo, para cursar na Universidade e com uma colega que se tornou uma amiga para todos os momentos, além da Universidade e, na falta da sua avó, essa amiga tem lhe dado todo o suporte que ela necessita. Já Pricila (2023) traz em sua narrativa que “uma mulher sempre ampara outra mulher”; ela engravidou durante a pandemia e contou com o ensino remoto que lhe ajudou muito, pois estava gestante. Com o nascimento do seu filho Pedro, a sua mãe lhe deu o maior incentivo, cuidado e era a sua motivação diária para continuar cursando na Universidade.

A maternidade é um desafio para muitas mulheres que buscam uma formação acadêmica e científica. As mães universitárias enfrentam dificuldades para conciliar os estudos, o trabalho e os cuidados com os filhos, além de lidar com a falta de estrutura e de políticas públicas adequadas. Nesse contexto, a rede de apoio para mães universitárias é uma ferramenta essencial para garantir a permanência e a qualidade de vida dessas mulheres. Como destacam Dias e Oliveira (2014), “as redes de apoio parecem ser fundamentais para o êxito na transição e para a adaptação dos alunos à universidade”.

#### *Acesso assistência estudantil / participação em projeto de pesquisa e/ou extensão*

*Sim desde o primeiro semestre recebo o auxílio PPQ na modalidade Auxílio Transporte. Para mim foi de grande ajuda pois me ajudou na locomoção da minha cidade para Universidade e em algumas despesas pessoais. Participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) passei quase dois anos que junto com PPQ deu para me virar com meu filho por algum tempo aluguei um casa e continuei com as idas e vindas para Universidade. Na universidade no início não tinha renda nem ninguém foi muito difícil porque eu estava enfrentando a separação então já tinha a parte de estar cuidando do filho a ajuda que eu recebia era o auxílio da Bolsa Família. Eu tinha que pensar se pagava o transporte e a alimentação com filho pequeno, o pensamento de desistir de não conseguir conciliar porque não poderia trabalhar com filho pequeno e estudava. Não conseguir vaga em creche com o tempo eu consegui o auxílio PPQ o auxílio permanência que está me ajudando bastante juntando com o bolsa família eu consigo conciliar um pouco a vida pessoal e a vida acadêmica. (Izabel, Entrevista, 2023)*

*Nunca tive acesso, acredito que até pela questão da renda quando eu olhava os editais eu sempre percebia a questão da renda dificultaria uma possível concessão de algum benefício, mas enfim entendo que é importante que muitas pessoas consegue permanecer na faculdade por conta disso, pessoas que sai de sua cidade de Mutuípe para ir à Amargosa, colegas de Cruz das Almas que já é mais distante e de Salvador que foram para Amargosa por conta da faculdade então entendo que é necessário, entrar na faculdade é fácil permanecer que é a questão. (Pricila, Entrevista, 2023)*

A colaboradora Izabel (2023) narra sobre a importância de ser contemplada com o auxílio Programa de Permanência Qualificada (PPQ) e da sua participação no programa PIBID, pois para ela, foi muito difícil manter-se na Universidade no início, porque estava enfrentando a separação do pai de seu filho e não podia arrumar trabalho com o filho pequeno e nem encontrou vaga na creche. Mas, em curto tempo, foi contemplada com o auxílio PPQ, na modalidade Auxílio Transporte, que é uma grande ajuda para ela se locomover da sua cidade para a Universidade. Juntamente com a bolsa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e da Bolsa Família, deu para ela pagar aluguel e se manter com seu filho. A colaboradora Pricila (2023), diferente da colaboradora Izabel (2023), não foi contemplada com nenhuma modalidade de bolsa, pois não se encaixava no pré-requisito do edital pra concessão da bolsa, mas entende que é de suma importância ter essas bolsas para garantir a permanência dos alunos da classe trabalhadora na Universidade. Dessa maneira Pereira; Nunes (2018, p.13) falam:

A assistência estudantil brasileira foi construída em uma arena de muitas lutas e interesses políticos, mas conseguiu amenizar as desigualdades existentes no que se refere ao acesso e permanência ao ensino superior dos estudantes pertencentes às camadas economicamente baixas da sociedade, dentre as principais conquistas o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) ganhou destaque por ofertar ações de moradia, alimentação, transporte, creche, ações de promoção da saúde física e mental dos acadêmicos. A busca é pela ampliação do acesso às universidades públicas e gratuitas, que garantam os investimentos necessários e que recusem o processo de mercantilização do ensino superior. Pereira; Nunes (2018, p.13)

Nessa perspectiva, a assistência estudantil é super necessária para a permanência dos universitários pertencentes a classe trabalhadora, em especial as mães que estão imersas nos cursos que a universidade oferta. E, sobre os relatos das colaboradoras, perguntamos sobre a participação das colaboradoras em projeto de pesquisa e/ou extensão:

*Sobre a extensão participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de Janeiro 2018 a 2020 foi um projeto muito legal participei com alguns colegas através desse programa pude me desenvolver mais, saber o que realmente eu queria estar na sala de aula com crianças Nem só serviu para a parte financeira, mas acadêmica através dele eu pude ter experiência de quase dois anos na sala de aula então a partir daí eu vi que realmente eu queria continuar no curso de Pedagogia, esse auxílio ajudou na parte acadêmica e financeira porque através deste programa eu pude alugar uma casa onde eu pude viver melhor com meu filho o dinheiro foi mais, junto a bolsa com a bolsa permanência que já tinha Bolsa Família. A escola*

*que eu fiz o PIBID me acolheu, na sala de aula eu pude conviver com crianças vê como era rotina dos professores na sala de aula foi um aprendizado para o meu desenvolvimento. (Izabel, Entrevista, 2023)*

*Eu moro em Mutuípe para alguém que mora fora já tem tanta missão para estar na universidade, fui convidada para um projeto de pesquisa mas parei para analisar, Poxa não tô conseguindo produzir para o meu TCC eu não tô conseguindo fazer leituras organizar para meu TCC e ainda entrar em um grupo de pesquisa que não vou dar conta, pensei, pensei e precisei dessa postura de chegar e falar não dar para mim no momento eu não tenho braços não tenho pernas e meu marido também, com essa questão dos encontros presenciais eu teria que me deslocar mais mais um dia de transporte, teria que desembolsar mais no pagamento de transporte para ficar indo para Amargosa, então por isso não conseguia participar de nenhum grupo de pesquisa. (Pricila, Entrevista, 2023)*

Izabel (2023) foi bolsista durante quase dois anos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), a participação no programa lhe ajudou na parte acadêmica e financeira e sendo participante do programa, se desenvolveu, entendeu que a pedagogia era o seu lugar e ser professora da educação infantil. A narrativa de Izabel (2023) traduz a importância da participação em projetos de pesquisa e/ou extensão, que possibilitam aos estudantes o contato com a área pretendida de atuação. Nessa perspectiva, Assis e Bonifácio (2011) afirmam:

A Universidade se constitui em um local de produção de conhecimento, e essa característica não deve ser negada. O conhecimento advindo do ensino e da extensão deve ser colocado sob o olhar de pesquisadores que, comprometidos com a busca do conhecimento, produzem ciência e desenvolvimento. Negar a pesquisa científica significa esquecer do papel da Universidade enquanto instituição inserida numa sociedade, que deve ser comprometida na busca do saber (Assis; Bonifácio, 2011, p. 43).

Nesse sentido, percebemos que ensino, pesquisa e extensão são validados para completude das experiências na formação do aluno, além das paredes da Universidade, sendo possível aplicar o conhecimento teórico adquirido em sala de aula de forma prática; essa interlocução consolida o aprendizado e desenvolve no aluno e habilidades antes de ter a formação concluída. Mas, existe uma segregação para participação em projeto de pesquisa e extensão, em especial para mulheres mães e migrantes atravessadas pelas múltiplas jornadas, e sobre esses aspectos, a colaboradora Pricila (2023) narra:

*Eu moro em Mutuípe para alguém que mora fora já tem tanta missão para estar na universidade, fui convidada para um projeto de pesquisa mas parei para analisar, Poxa não tô conseguindo produzir para o meu TCC eu não tô conseguindo fazer leituras organizar para meu TCC e ainda entrar em um grupo de pesquisa que não vou dar conta, pensei, pensei e precisei dessa postura de chegar e falar não dar para mim no momento eu não tenho braços*

*não tenho pernas e meu marido também, com essa questão dos encontros presenciais eu teria que me deslocar mais mais um dia de transporte, teria que desembolsar mais no pagamento de transporte para ficar indo para Amargosa, então por isso não conseguia participar de nenhum grupo de pesquisa. (Pricila, Entrevista, 2023)*

Para a entrevistada Pricila (2023), participar de um projeto de pesquisa seria inviável, pois ela “não tinha pernas e nem braços”, não estava conseguindo fazer leituras e organizar a escrita do TCC e, fazer mais um dia de deslocamento e gasto, seria complicado. Com essa narrativa de Pricila (2023), percebemos as dificuldades atravessadas pela estudante mãe, trabalhadora e migrante para conseguir participar de projeto de extensão. Ainda sobre essa dificuldade, é um ponto para a Universidade pensar nessa segregação e traçar medidas que possam dar condições de incluir as mães, as trabalhadoras e as imigrantes em projetos de pesquisa e extensão. A respeito da permanência, perguntamos às colaboradoras:

*Condições de permanência oferecidas pela universidade/fatores determinantes para assegurar a permanência*

*O auxílio transporte que era 250 reais me ajudou muito e aí como passar do tempo eu pude conseguir bolsa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), porém com o passar do tempo coma chegada da pandemia o PIBID tinha esgotado e o auxílio transporte também cortou relatando “segundos” que a universidade não estava funcionando de forma presencial, tinha que cortar o auxílio transporte, foi um momento muito difícil porque na pandemia não conseguia trabalho, sem condições e só contando com a bolsa família a condição ficou muito pior, muito precária. E depois pude contar com auxílio digital, passou um tempo cortou auxílio digital e hoje novamente eu tenho auxílio transporte que é R\$ 300 o que me faz ajudar a pagar o transporte que é essa quantia que pago por mês e se eu precisar vim em Amargosa na universidade me ajuda muito nas despesas. (Izabel, Entrevista, 2023)*

Para a entrevistada Izabel (2023) permanecer na Universidade, contou com o auxílio transporte de programas institucionais e programas federais para permanecer na Universidade. Observe o quanto as políticas de permanência estudantil são de suma importância para os estudantes da classe trabalhadora não evadirem o curso superior, como nos relatou Izabel. Dessa maneira, as políticas são uma forma de reparar erros históricos, possibilitando a permanência universitária daqueles que nunca tiveram a oportunidade de estar na universidade.

Como nos afirmam Silva e Barbosa (2018, p.10), “a política de assistência é uma importante estratégia de democratização do ensino superior, no Brasil, ao promover o acesso a

bens e serviços públicos que tem elevado a condições de vida acadêmica dos estudantes, visando equidade social.” Em contraponto, só a política de assistência estudantil não supre todas as demandas vivenciadas pelos estudantes, em especial, para as mulheres mães. Sobre esses aspectos, a colaboradora Pricila (2023) narra:

*Nenhuma, para me eu não consigo identificar, coloco assim não tirar o cuidado de alguns funcionários, alguns professores, mas é muito de um cuidado de parte deles mesmo não da academia em si, talvez a matrícula de ter uma sensibilidade de flexibilizar o acesso a algumas disciplinas, algum componente quando agente está naquele processo louco que é o processo da matrícula, mas não encheço, não consigo identificar principalmente agora recentemente a gente passou por toda essa luta com a questão da permanência de universitárias que são mães e assim meninas que foram barradas meninas que foram apontadas por estarem com seus filhos. Até hoje a gente tá esperando uma posição da UFRB e não teve. Há uma brinquedoteca que até então serviria para acolher os filhos das mães que são Universitária e a gente descobre que aquela Brinquedoteca ela é um laboratório do curso Pedagogia e por isso ela não funciona nessa modalidade da Brinquedoteca como um espaço que seria de acolher os filhos enquanto as mães estão dentro da sala de aula. O que é a faculdade ofertou até o momento o que a faculdade deu de resposta? Eu não consigo identificar nenhuma, nada que venha favorecer nossa permanência, não consigo. (Pricila, Entrevista, 2023)*

Pricila (2023) narra sobre um ponto ocorrido recentemente pelas mães Universitárias na luta para permanecerem na Universidade e interroga por resposta da Universidade frente a este assunto. “O que a faculdade ofertou até o momento? O que a faculdade deu de resposta? Eu não consigo identificar nenhuma, nada que venha favorecer nossa permanência, não consigo.” Nesse sentido, ambas colaboradoras trazem em suas narrativas, apontamentos importantes para serem analisados e pensados para as realidades dessas mulheres, mães e migrantes permanecerem na Universidade. Vamos às narrativas:

*Para segurar permanência de mulheres mães trabalhadoras e migrantes na Universidade falta investir recurso onde essas mães possam trazer seus filhos, com o meu caso que eu tenho que trazer por não ter quem fique. Poderia ter espaço onde essas criança poderia se sentir acolhida por exemplo: a Brinquedoteca alguns anos atrás poderia contar com essa brinquedoteca que as mães poderiam estudar sempre ocupação de está saindo da sala para estar atrás dessa criança porque tem algumas disciplinas que as mães desistiram porque não tinha com quem deixar a criança. Eu ficava imaginando o que as colegas sentiram, como já me sentir várias vezes como meu filho correndo pra lá e para cá. A Universidade de algum modo devia investir na Brinquedoteca com monitores ganhando um valor para ficar com as crianças para as mães estudarem tranquilas sem se preocupar em estar perdendo que o professor está falando. Os professores poderiam ter o olhar mais sensível em relação a essas mães e pensar o seu dia a dia porque são mães trabalhadoras e imigrantes, tem algumas para passar mais tempo com*

*os filhos como eu trago para a Universidade. Essa mãe pode ficar o tempo na sala de aula e outro momento saindo com a criança. (Izabel, Entrevista, 2023)*

*Falando a questão das bolsas estudantis eu acho que a gente precisa discutir precisa ampliar muito o acesso dos estudantes das bolsas que o financeiro ele conta muito quando a gente coloca a questão de você sair de uma cidade para ir a outra na busca de estudo. No meu caso é só transporte, mas tem colegas que é a permanência na cidade que é o desembolsamento para aluguel para alimentação para além do transporte então eu vejo que hoje as bolsas seriam um dos pontos mais marcantes para a permanência. Quando a gente puxa para a questão pessoal enquanto mulher enquanto mãe o principal é a rede de apoio e que muitas vezes a rede de apoio ele chega lá na faculdade quando um colega segura para você quando o colega atende que você tá querendo pegar aquele assunto e pega seu bebê e sai para passear no corredor. Esse semestre estou tendo a disciplina de estágio em EJA com a professora Andreia e a gente tem uma colega que ela leva o bebezinho dela toda sexta-feira e quando ela chega tem uma esteira com brinquedo com almofada tudo preparado para o bebezinho dela ficar ali de forma mais confortável que ele possa assistir à aula e toda a turma vai se revezando carregando um pouquinho ele balançando, embalando, bota para dormir, dar risada e assim a manhã da sexta-feira passa. Quando a gente não tem uma rede de apoio fortalecida a permanência é dificultada hoje eu vejo que a rede de apoio e a questão das bolsas com duas estratégias avaliada serem implantadas é assim rede de apoio é algo que a gente não tem como brigar fazer uma manifestação gritar na porta da faculdade então tocante e mais profundo. (Pricila, Entrevista, 2023)*

Para acrescentar a pesquisa, como foi mencionado no capítulo da metodologia que as colaboradoras da pesquisas ficariam livres para responderem as questões, perguntamos a elas se gostariam de acrescentar algo mais a esta entrevista, considerando as condições de permanência de mulheres no curso de Pedagogia, do CFP/UFRB, e as colaboradoras narraram:

*Para permanecer as mulheres mães na universidade poderia investir mais em recurso onde essas mães se sintam acolhidas tanto elas quanto as crianças na universidade com projetos, com auxílios, ter apoio e apoio psicológico tudo isso que elas e a criança se sintam bem em estar e na Universidade. (Izabel, Entrevista, 2023)*

*Eu acredito que seu tema é extremamente importante eu identifico que ele vai provocar mudanças principalmente nessa questão que você vai trazer resposta dessa pesquisa de onde é que está a deficiência, a lacuna que muitas estudantes se afastam da academia que interrompem o curso e a gente precisa levar isso enquanto proposta para que a mudança aconteça. E assim acrescentar... Quando eu cheguei na última pergunta, quando eu estava lendo o roteiro Inicial quando você me enviou a primeira coisa que eu veio na mente! Meu Deus desde quando estou enrolando Ester para responder essa entrevista, eu parei para analisar... eu fiz não foi bem enrolado as múltiplas funções e todas demoradas não me permitiram sentar para ter um momento onde eu estaria refletindo a estudante como estou agora e você vem com todas essas perguntas, me faz refletir sobre Pricila enquanto mãe, Pricila enquanto esposa, Pricila enquanto dona de casa, Pricila enquanto Assistente Social, Pricila enquanto filha porque ainda tem isso. Hoje os meus pais questionam*

*a minha ausência em algumas coisas eu tenho pai e mãe e os dois são idosos hoje eles estão demandando de mim o cuidado e que eu sempre preciso me dedicar, mas as minhas rotinas as minhas múltiplas funções às vezes também só me permitem 20 minutos no telefone e aí meu pai me disse, meu pai costuma me chamar agora ele fica me chamando ele disse meu nome é Vou ver, vou resolver, vou tentar olhar, vejo aqui te retorno e nunca retorno, então são muitas cobranças, são muitos cobrança o tempo todo e a gente chega na academia com essa carga toda porque muitas vezes ninguém olha nós, não somos olhadas nós não somos acolhidas, então eu acho que sua pesquisa soma a isso. Você é uma pessoa maravilhosa você é uma mulher maravilhosa você está dando conta de escrever um TCC dentro de uma casa com 10 pessoas com menino que grita que quer tomar banho olha essa entrevista aí, mas tem pessoas que te fortalece, porque eu vi uma mão que ficou o tempo todo fazendo massagem no seu ombro, uma mão que ajustou esse cabelo e pegou na sua mão desde o início da pesquisa e deu para enxergar daqui que você tem sim uma pessoa que te apoia. (Pricila, Entrevista, 2023)*

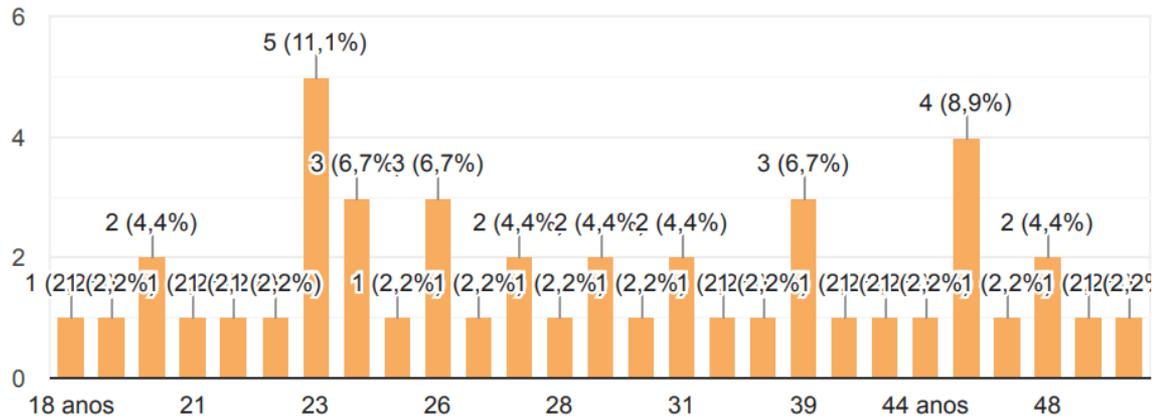
Para a permanência na Universidade de mulheres mães, a colaboradora Izabel (2023) fala sobre recursos financeiros para projetos e apoio psicológico. A colaboradora Pricila (2023) se sensibiliza com o tema e traduz como é extremamente importante e almeja que esse tema vá provocar mudanças por trazer respostas sobre o afastamento de muitas mulheres mães da academia. A última pergunta fez ela refletir sobre “o ser Pricila em diversas esferas da vida”, atravessada pelas múltiplas jornadas e teceu um olhar sensível ao convívio do espaço geográfico da pesquisadora, que também vivencia a múltiplas jornadas para permanecer na Universidade, em especial, dar conta de escrever este TCC.

### **3.1 Análise do Questionário no Google Forms**

Dando seguimento a esta pesquisa, após ter apresentado as realidades específicas das duas colaboradoras do estudo, apresentaremos de forma ampla o contexto das estudantes mulheres, mães e migrantes do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, por meio do questionário disponibilizado pelo *google forms*, através do link <https://forms.gle/yaTAHz873BzZRHQa8>. Como descrito na metodologia deste trabalho, o link foi disponibilizado dia 14 de abril de 2023, com recebimento de respostas até 31 de abril de 2023. Até esta data, foram recebidos 46 questionários devidamente preenchidos pelas colaboradoras<sup>3</sup>. Os dados gerados através dos questionários foram organizados e analisados.

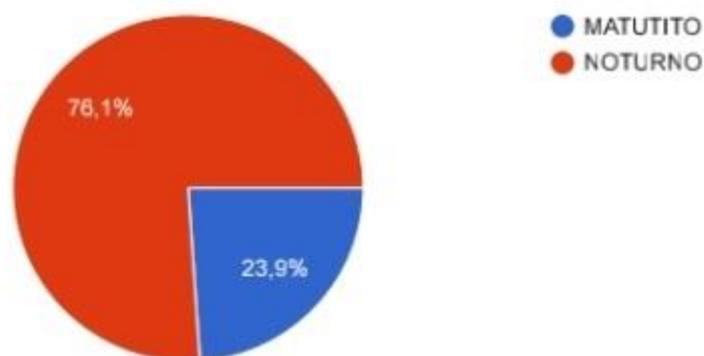
---

<sup>3</sup> Considerando dimensões da ética na pesquisa, no questionário, optou-se por não revelar os nomes das 3 colaboradoras em função da ausência de assinatura de carta de cessão.

**Gráfico 1 – Faixa etária das colaboradoras**

Fonte: Questionário, 2023

As primeiras perguntas foram relacionadas as informações pessoais das colaboradoras. Observa-se, através do gráfico, que a pesquisa contou com a participação de 46 colaboradoras, sendo elas, com a faixa etária entre 18 a 48 anos, mulheres jovens que compõem o curso de Licenciatura em Pedagogia, do CFP/UFRB.

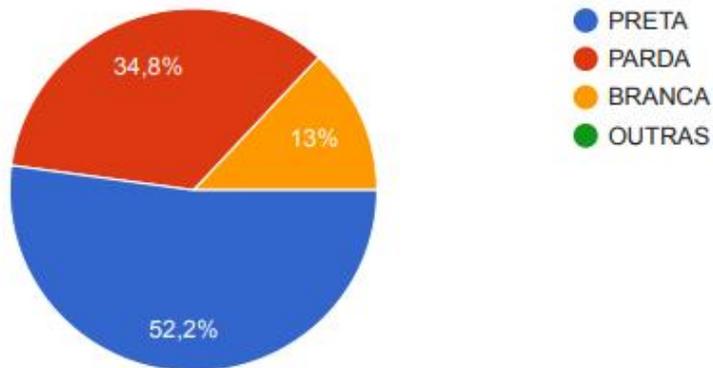
**Gráfico 2 - Escolha do turno do curso**

Fonte: Questionário, 2023

Estudantes que estão matriculados no curso noturno aparecem com o percentual de 76,1% (mais do que a metade), sendo 23,9% que estão matriculados no curso matutino e, desses

matriculados, os anos de ingresso aparecem entre 2014 a 2022, visto que o maior número se apresenta no ano de 2017 com um percentual de 17,4%.

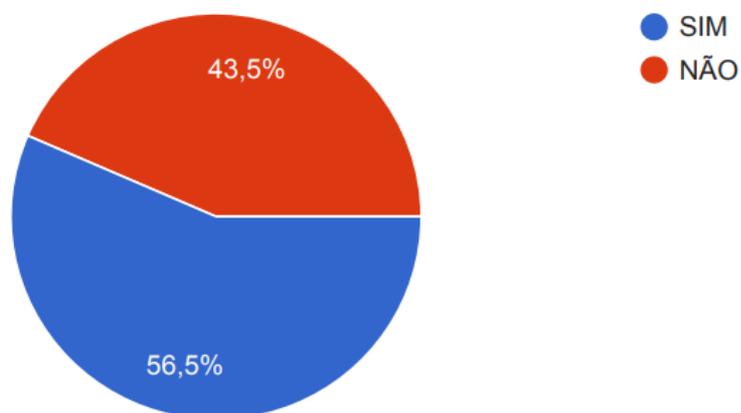
**Gráfico 3 - Autodeclaração da cor**



Fonte: Questionário, 2023

Esse gráfico apresenta um percentual, significando que mais da metade das colaboradoras estudantes do Centro de Formação de Professores, se autodeclararam negras, sendo 52,2%, pardos 34,8 e brancos 13%. Dessa maneira, podemos dizer que na somatória de pretas e pardas, as colaboradoras desse estudo, majoritariamente são mulheres negras.

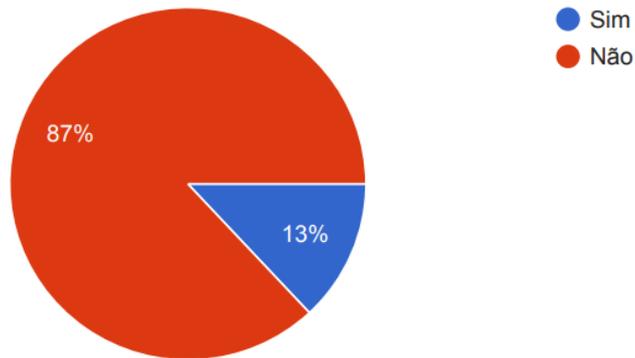
**Gráfico 4 - Mãe**



Fonte: Questionário 2023

O gráfico apresenta um demonstrativo de que 56,5% das estudantes são mães, um número significativo para pensarmos como a maternidade se torna algo que atravessa a formação das estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia, do CFP/UFRB.

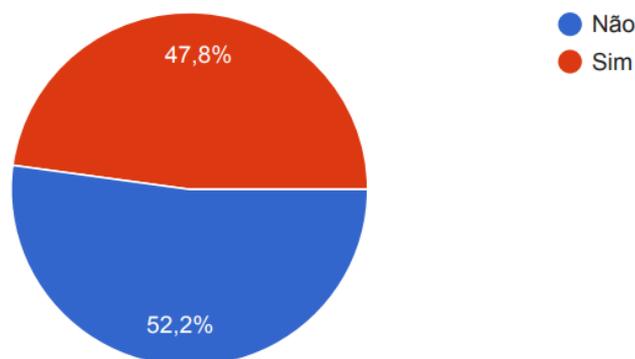
**Gráfico 5 - Mãe solo**



Fonte: Questionário 2023

Entre as mães, existe um percentual de 13% das colaboradoras que são mães solas, situação que dificulta a permanência no ensino superior. O questionário faz-se entender que as estudantes que são mães têm, em média, 1 a 3 filhos com a faixa etária entre 0 a 21 anos de idade. Esse dado revela que a condição da maternidade se encontra presente na Universidade.

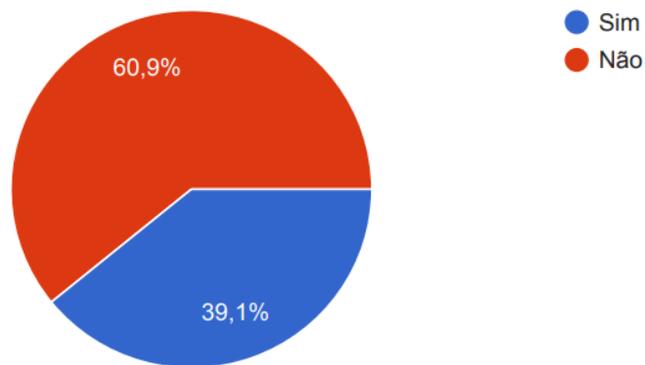
**Gráfico 6 - Mães que trabalham fora**



Fonte: Questionário 2023

No quesito do trabalho fora de casa, o gráfico traz um resultado significativo de estudantes mães na profissão de vendedora, auxiliar de classe, lavradora, servente. Dessa maneira, se acentua a complexidade de dar conta das múltiplas funções.

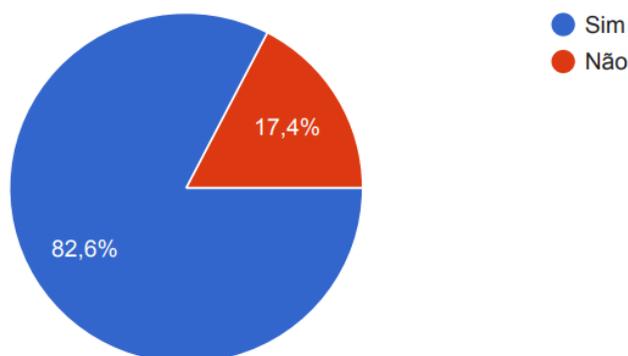
**Gráfico 7 - Desloca para cursar a Universidade**



Fonte: Questionário 2023

Observa-se, no gráfico, o quantitativo de 39,1% de estudantes que se deslocam diariamente de outras cidades para ir a Universidade. Esse percentual é significativo para pensarmos no gasto diário de transporte e o risco dos acidentes durante esse trajeto. As estudantes se deslocam de Mutuípe, Ubaíra, Varzedo, Laje, Ibirataia e Igrapiúna.

**Gráfico 8 - Desistir do curso**

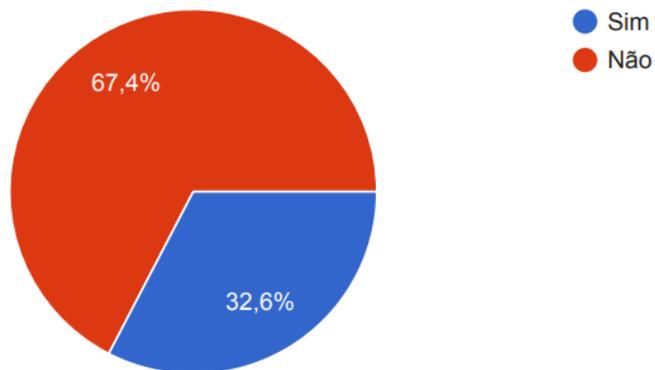


Fonte: Questionário 2023

Sobre a desistência, o gráfico revela que 82,6% já pensaram em desistir e somente 17,4% não. E os motivos de desistência dos estudantes, emergem dos desafios de permanência,

que são preponderantes nas evidências das questões abertas, que são a falta de bolsa e auxílios, situação financeira, ser mãe e ter que conciliar a múltiplas jornadas com as demandas da universidade.

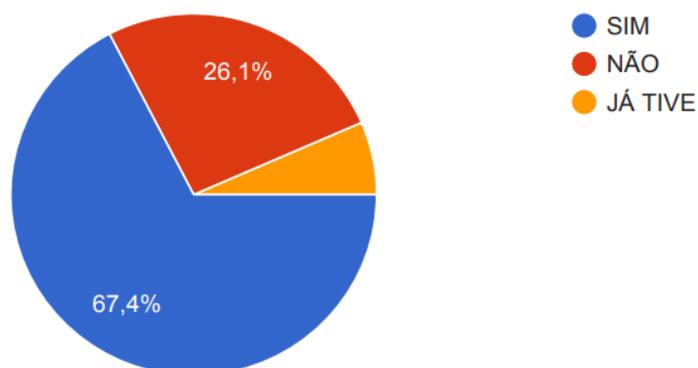
**Gráfico 9 - Projeto de pesquisa e/ ou extensão**



Fonte: Questionário 2023

Observa-se no gráfico, que existe um percentual 67,4% que acentua em mais da metade das colaboradoras da pesquisa não participando de projetos de pesquisa e /ou extensão. Esse dado revela as condições de acesso aos editais e disponibilidade de tempo para participar, especificamente, por ser mãe e ter que conciliar mais uma demanda.

**Gráfico 10 -Assistência Estudantil**



Fonte: Questionário 2023

Diante dos dados do gráfico, podemos perceber que um percentual de 67,4% das colaboradoras recebe bolsa; 26,1% não recebem e uma porcentagem menor revela que já teve.

Isso se amplia no que já foi discutido neste trabalho, na pesquisa de campo com as duas colaboradoras Izabel e Pricila (2023), sobre a importância das políticas de assistência estudantil, bem como rede de apoio de colegas, familiares são essenciais para a permanência no ensino superior de estudantes da classe trabalhadora. Para finalizar este questionário de pesquisa com respostas fechadas e abertas, indagamos as colaboradoras com esta pergunta aberta: “*Quais fatores são determinantes para assegurar a permanência de mulheres mães e migrantes na universidade?*” Veremos as socializações das respostas:

*Acredito que a muitas mulheres assim como eu tem muita dificuldade de se manterem na Universidade, entretanto esse espaço precisa dispor de políticas de permanência mais efetivas como um melhor auxílio creche para as mães, locais onde possam deixar seus filhos, o respeito dos professores e colegas além do apoio coletivo. (Colaboradora 02, 2023)*

*Assistência social, psicológica e financeira, ser mulher já acarreta muitas questões que vão além do que nossos olhos podem ver, principalmente levando em consideração mulheres que são mães, que trabalham, que são donas de casa e que por muitas vezes não são assistidas de forma adequada pela universidade. (Colaboradora 03, 2023)*

*Creche para os filhos das universitárias; bolsa permanência; transporte público; segurança no campus e no trajeto até ele; grupos de apoio; atendimento psicológico; treinamento para trabalhar a empatia dos professores para com os alunos. (Colaboradora 04, 2023)*

*Fatores determinantes: Discussões sobre a importância da mulher ocupar o espaço universitário, política contra o assédio, rede de apoio para mães universitárias, políticas de apoio financeiro (bolsa permanência), estimular a participação das mulheres em projetos de pesquisa e extensão. (Colaboradora 06, 2023)*

*As Bolsas contribui para que o estudante não precise trabalhar e estudar. A universidade ter acolhimento para as mães que tem filhos pois, minha filha ficava na sala, a brinquedoteca nem sempre tinha alguém para receber as crianças. E os professores terem uma sensibilidade maior com essas mães que além de estudantes são mulheres com outras demandas além da Universidade. (Colaboradora 08, 2023)*

As narrativas destas colaboradoras denunciam os vários fatores que influenciam a permanência universitária, especificamente para mulheres que são mães atravessadas pelas múltiplas jornadas de ser mulher, mãe, dona de casa, trabalhar fora de casa e ser universitária. Elas destacam a assistência estudantil como ponto central e importante, juntamente com os demais fatores interligados de rede apoio, apoio psicológico, acolhimento para mães que tem filhos, sensibilidade e empatia dos professores para a permanência ser menos desafiadora.

Finalizamos com esta etapa da pesquisa com a fala potente de uma das colaboradoras da pesquisa:

*Sinto que a universidade falha com as mulheres. Lutamos por direitos iguais mas ainda estamos tão longe de alcança-los. A mulher é universitária, funcionária, empresária, dona de casa, esposa, mãe, mãe solo, filha... A mulher ocupa todos os lugares ao mesmo tempo e isso é extremamente cansativo e desgastante. Todas as responsabilidades acabam caindo no nosso colo e é nítido o cansaço dessas mulheres, basta entrar em uma sala de pedagogia no noturno que será tão claro que parecerá palpável. Acordamos mais cedo para arrumar a casa, ou mandar os filhos para creche, vamos para o trabalho e depois direto para a universidade. Chegamos em casa e temos que dar conta das atividades, dos seminários, dos slides, dos textos, do almoço, dos pratos, das roupas, da atividades das crianças, das brincadeiras, da atenção, da doença, das febres, a privação de sono, do marido, de ser esposa, de ser mulher... E de você? Não sobra tempo para nós! Estamos sempre cansadas, esgotadas e levadas ao limite. Chegamos na universidade e lidamos com o assédio dos professores, as piadas de "o que você faz de meia noite as 6:00? Ou palavras agressivas que você, depois de fazer tudo isso, é uma mãe ruim porque deixou sua filha no celular para poder ouvir a aula. É desleixada porque tá vestida de qualquer jeito com as unhas por fazer. E depois disso tudo, ansiedade é frescura, crise de pânico é frescura... mente fraca. Só estamos sobrecarregadas e torcendo para um dia melhor. Desculpe o texto, mas escrevo isso enquanto trabalho. (Colaboradora 09, 2023).*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Já é tarde, tudo está certo  
Cada coisa posta em seu lugar  
Filho dorme, ela arruma o uniforme  
Tudo pronto pra quando despertar*

*O ensejo a fez tão prendada  
Ela foi educada pra cuidar e servir  
De costume, esquecia-se dela  
Sempre a última a sair*

*Disfarça e segue em frente  
Todo dia até cansar  
E eis que de repente ela resolve então mudar  
Vira a mesa, assume o jogo*

*Faz questão de se cuidar  
Nem serva, nem objeto  
Já não quer ser o outro  
Hoje ela é um também*

*A despeito de tanto mestrado  
Ganha menos que o namorado  
E não entende o porquê  
Tem talento de equilibrista  
Ela é muita, se você quer saber*

(Trechos da música “Desconstruindo Amélia”, Pitty, 2009)

A partir do que foi exposto neste trabalho, fazendo uma interlocução com o trecho da música de Pitty (2009) “o ensejo a fez tão predada ela foi educada para cuidar e servir de costume, esquecia-se dela sempre a última a sair”, pudemos observar o quanto é desafiador para as mulheres, mães e migrantes conciliar tantas demandas que são atribuídas historicamente por um sociedade machista e patriarcal. Por muitos séculos, as mulheres eram para cuidar de filhos, dos afazeres do lar e do marido. Com os avanços, através de muitas lutas, as mulheres têm desenvolvido outros papéis na sociedade, em contrapartida, continuam com as demandas do convívio familiar, sem divisão de tarefas. Carloto (2001) apresenta:

que a divisão sexual do trabalho não cria a subordinação e a desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social. Portanto a divisão sexual do trabalho está inserida na divisão sexual da sociedade com uma evidente articulação entre trabalho de produção e reprodução. E a explicação pelo biológico legitima esta articulação. O mundo da casa, o mundo privado é seu lugar por excelência

na sociedade e a entrada na esfera pública, seja através do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, será marcada por este conjunto de representações do feminino (Carloto, 2001, *apud* Brito e Oliveira, 1997, p. 252).

Sendo assim, o presente trabalho de conclusão de curso, buscou analisar as múltiplas jornadas de mulheres, mães e migrantes do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Centro de Formação de Professores CFP/UFRB, atravessadas pelas múltiplas funções que desempenham diariamente de cuidado com a família, trabalho, deslocamento e permanência universitária.

O estudo se ancorou na abordagem da pesquisa com entrevista e questionários que permitiram identificar os desafios vivenciados pelas mulheres, mães e migrantes para permanecerem no curso de Pedagogia, atrelado a estratégias para conciliar as suas múltiplas funções de trabalho, cuidado com filhos e vida acadêmica, sacrificando horas de sono, cursando poucos componentes nos semestres e, muitas vezes, se deixando para outra semana.

Os resultados das discussões da pesquisa refletem sobre a necessidade das políticas de permanência ampliarem os números de bolsas, mas não só pensando no financeiro. As bolsas são de extrema importância para a permanência, mas interligadas com teias simbólicas, como a rede de apoio fortalecida, psicólogos, escuta sensível por parte dos professores, modificar a estrutura física da Universidade para atender as crianças enquanto as suas mães estudam. Essas sugestões denunciadas pelas colaboradoras da pesquisa vão corroborar para uma garantia de acesso e acolhimentos para que a mulheres, mães e migrantes possam concluir o ensino superior com dignidade.

Portanto, foi possível com esta pesquisa, problematizar os desafios da permanência de mulheres, mães e migrantes, no contexto contemporâneo do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, compreendendo que é preciso que a universidade acolha essas mulheres, mães e migrantes em suas especificidades, pois elas são atreessadas pelas mútiplas funções de trabalho, casa, filhos e estão sendo estudantes do ensino superior. Esperamos que este trabalho se some a outros que discutem as lutas travadas por permanência das mulheres, que são mães e migrantes, que adentram as universidades públicas brasileiras.

## REFERÊNCIAS

- ANDIFES Setor Comercial Sul (SCS) Quadra 1, Bloco K, nº 30, salas 801, 802, 803 e 804, 8º andar. Edifício Denasa- Brasília/DF CEP: 70398-900 (61) 3321-6341 Brasília, 2019
- ASSIS, Renata Machado de; BONIFÁCIO, Naiêssa Araújo. **A formação docente na universidade: ensino, pesquisa e extensão**. Educação e Fronteiras On-Line. Dourados/MS, v.1, n.3, p.36-50, set./dez. 2011.
- ÁVILA, Rebeca Contrera; PORTES, Écio Antônio. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, p. 809-832, 2012.
- DE OLIVEIRA, Clarissa Tochetto; DIAS, Ana Cristina Garcia. Dificuldades na trajetória universitária e rede de apoio de calouros e formandos. **Psico**, v. 45, n. 2, p. 187-197, 2014.
- RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres e educação no Brasil-colônia: histórias entrecruzadas. **HISTEDBR, Navegando na história da educação brasileira**, 2006.
- BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Institui o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 de julho. 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Análise sobre a expansão das Universidades Federais 2003 a 2012: relatório da Comissão Constituída pela Portaria nº 126/2012. Brasília, DF, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. A democratização e expansão da educação superior no país: 2003 – 2014: balanço social 2003 - 2014. Brasília, DF, 2015.
- BARROSO, Carmen; MELLO, Guiomar Namó de. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. **Cadernos de pesquisa**, n. 15, p. 47-77, 1975. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1813/1786>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- BARRETO, Andreia. **A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade** - Cadernos do GEA, 2014 - [flacso.org.br](http://flacso.org.br)
- BARBOSA, Roseane de Almeida. A assistência ao estudante da residência universitária da UFPB. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- CARLOTO, CÁSSIA MARIA. **O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais**. Serviço Social em Revista, Londrina, v. 3, n. 2, p. 201-213, 2001. [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v3n2\\_genero.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3n2_genero.htm). Acesso em: 20 jun. 2018.
- CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação, Braga, v. 16, n. 2, p. 221-236, abr. 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37416210.pdf>. Acesso em: 29 maio 2022.
- CARNEIRO, S. **A mulher negra na sociedade brasileira – o papel do movimento feminista na luta antirracista**. In: MUNANGA, K. (org.). História do Negro no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares – MinC – CNPq, 2004.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em revista*, n. 24, p. 213-225, 2004.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

<https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/8297/6910>

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista** Guacira Lopes Louro -Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. *Educar em Revista*, n. 17, p. 153–176, 2001.

MARIA Santa Maria. Dificuldades na Trajetória Universitária e Rede de Apoio de Calouros e Formandos. *Universidade Federal de, RS, Brasil* v. 45, n. 2, pp. 187-197, abr.-jun. 2014.

MOTA, Janine da Silva. UTILIZAÇÃO DO GOOGLE FORMS NA PESQUISA ACADÊMICA. *Revista Humanidades e Inovação*. v.6, n.12 - 2019, p. 372-380.

MELO, R. Quais são os desafios de meninas e mulheres negras na educação? In: **GÊNERO E EDUCAÇÃO**. Notícias.[S. l.], 30 jul. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREIRA, SANDRA DE OLIVEIRA GOMES; NUNES, JURAILDES BARREIRA. A presença das mulheres no ensino superior e o papel das políticas de permanência das Universidades Federais brasileiras. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 1, n. 1, 2018.

PEREIRA, Ana Cristina Furtado; FAVARO, Neide de Almeida Lança Galvão. **História da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência**. EDUCARE Congresso Nacional de Educação. 2017.

PEREIRA, Sandra de Oliveira Gomes; NUNES, Juraildes Barreira. A presença das mulheres no ensino superior e o papel das políticas de permanência das Universidades Federais brasileiras. *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*, v. 16, n. 1, 2018.

PIMENTEL, Mariana Ramos; SANTIAGO, Micaela de A. **A mulher na educação brasileira: do O direito prescrito ao conquistado**. CONEDU Congresso Nacional de Educação. 2014.

RIBEIRO, I. M. Arilda.

PAIVANDI, Saeed. **A Qualidade da aprendizagem dos estudantes e a pedagogia na universidade**. In: SANTOS Georgina Gonçalves Dos, SAMPAIO Sonia Rocha (Org.). *Observatório da vida estudantil: estudos sobre a vida e culturas universitárias*. Salvador: Edufba, 2012. 31-59.

RICOLDI, Arlene e ARTES, Amélia. **Mulheres no ensino superior brasileiro: espaço garantido e novos desafios**. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, Brasil 2016.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres e educação no Brasil-colônia: histórias entrecruzadas. **HISTEDBR, Navegando na história da educação brasileira**, 2006.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação & Sociedade**, v. 38, p. 09-26, 2017.

REIS, Dyane Brito; TENÓRIO, J. R. Políticas públicas de acesso e permanência da população negra no ensino superior: um debate em curso. **Cadernos ANPAE**, v. 8, p. 1-11, 2009.

SANTOS, Sílvia Karla Almeida dos. Seminário internacional enlaçando sexualidades: Estudos de gênero: em busca de outros caminhos. Universidade do Estado da Bahia. Salvador BA. p. 1-12. 2009.

SILVÉRIO, V. R. Sons negros com ruídos brancos. In: ABONG. Racismo no Brasil. São Paulo: Petrópolis, 2002.

SCHMIDT, Natalia Taiza. A dupla jornada de trabalho: reflexões sobre o vínculo da mulher com o trabalho doméstico em contexto de ensino e aprendizagem de sociologia para o nível médio. **Ens Sociol Debate**, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2012.

SILVA, MARIA LIDUINA DE OLIVEIRA E.; BARBOSA, MARIA JOSÉ DE SOUZA. POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL COMO DIREITO DE PERMANECER NA UNIVERSIDADE PÚBLICA. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 1, n. 1, 2018.

SARAT, M; SANTOS, R. dos. História oral como fonte: Apontamentos metodológicos e técnicos da pesquisa. In: COSTA, C. J; MELO, J. J. P; FABIANO, L. H. (Org.). **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010. p.50.

SOUZA, L. R.; RIOS-NETO, E. L.; QUEIROZ, B. L. **A relação entre parturição e trabalho feminino no Brasil**. Revista Brasileira de Estatística Populacional, v. 28, n. 1, p.57-79, 2011.

SANTOS, Sílvia Karla Almeida dos. Seminário internacional enlaçando sexualidades: Estudos de gênero: em busca de outros caminhos. Universidade do Estado da Bahia. Salvador BA. p. 1-12. 2009. SARAT, M; SANTOS, R. dos. História oral como fonte: Apontamentos metodológicos e técnicos da pesquisa. In: COSTA, C. J; MELO, J. J. P; FABIANO, L. H. (Org.). **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010. p.50.

SILVA, Maria Nilza da. **A Mulher Negra**. Revista Espaço Acadêmico. Ano II, nº 22. Março de 2003. Disponível em < <http://www.espacoacademico.com.br/022/22csilva.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2023.

SCHMIDT, Natalia Taiza. A dupla jornada de trabalho: reflexão sobre o vínculo da mulher com o trabalho doméstico em contexto de ensino e aprendizagem de sociologia para o nível médio. Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais –UEL, n. 1,

TELLES, Antônia Marlene Vilaça. **A presença da mulher no contexto da história da educação** (1960-1980). X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.

TENÓRIO, Robinson Moreira; REIS, Dyane Brito. Ações afirmativas e estratégias de permanência no ensino superior. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2005, Porto Seguro, Bahia, Brasil

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser Negro No Brasil Hoje**. 11 ed. São Paulo: Moderna, 1994.

VASCONCELOS, Natália. Programa Nacional de Assistência Estudantil: uma análise da assistência estudantil ao longo da história da educação superior no Brasil. *Revista da Católica, Uberlândia*, v. 2, n. 3, p. 399-411, 2010. Disponível em: Acesso em: 15 jan. 2015.

## ANEXOS

### ANEXO 1 – CARTA DE CESSÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

### CARTA DE CESSÃO

Eu, \_\_\_\_\_, brasileiro(a), maior, portador(a) do RG nº \_\_\_\_\_ e do CPF \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo o direito das informações contidas nas entrevistas e demais materiais cedidos para \_\_\_\_\_, graduanda em Pedagogia, usá-la integralmente ou em partes, autorizando o uso de meu nome ( ) ou nome fictício ( ), sem restrições de prazos e citações para a sua Monografia, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações, em meio digital, impresso ou outras formas de divulgação e publicação, desde a presente data.

Amargosa-BA \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

---

Assinatura do colaborador(a)

## ANEXO 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Inicialmente preciso de algumas Informações pessoais (nome, idade, raça/cor, filhos, estado civil, profissão, cidade onde nasceu/cidade onde mora, etc.)
- 2) Para você o que significa ser mulher neste momento contemporâneo?
- 3) O que te fez escolher o curso de Pedagogia da UFRB? A questão de ser mulher interferiu de alguma forma na escolha do curso e da universidade?
- 4) Você se desloca diariamente de outro município para universidade? Pode relatar detalhes sobre essa travessia diária?
- 5) A condição de deslocamento interfere no seu processo de formação e na sua condição universitária? Pode relatar detalhes ou acontecimentos relacionados a isso?
- 6) Conte-me sobre sua trajetória na universidade até o presente momento. Relembre os primeiros semestres, as disciplinas, os professores, as aprendizagens, os desafios e as conquistas desse processo.
- 7) Em algum momento você já pensou em desistir do curso? A condição de ser mulher e morar em outra cidade interferiu nisso? O que te fez continuar?
- 8) Conte-me os dilemas que atravessam a sua condição de ser mulher, mãe, universitária, trabalhadora e "migrante". Pode lembrar algumas situações específicas para ilustrar esses desafios?
- 9) Quais estratégias você utiliza para conciliar as demandas da vida pessoal, profissional e acadêmica?
- 10) Há pessoas que te auxiliam nestas jornadas? Quem são elas e o que elas representam em sua vida?
- 11) Você acessa ou já acessou alguma política pública de assistência estudantil? Caso sim, narre um pouco sobre a importância de tal auxílio para sua permanência universitária.
- 12) Participa ou já participou de projeto de pesquisa e/ou extensão? Caso sim, narre um pouco sobre esta experiência.

- 13) Durante a graduação quais foram as condições de permanência que a universidade lhe proporcionou?
- 14) De acordo a sua vivência, quais os fatores são determinantes para assegurar a permanência de mulheres, mães, trabalhadoras e migrantes na Universidade?
- 15) Gostaria de acrescentar algo mais a esta entrevista, considerando as condições de permanência de mulheres no curso de Pedagogia do CFP/UFRB?

### ANEXO 3 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

#### ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

CATEGORIA	FRAGMENTO NARRATIVO	SÍNTESE DA ANÁLISE	SUPORTE TEÓRICO

Fonte: Elaboração da Autora (2023)